

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1915

Ano LXVII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 110 — Lisboa

A PREPARAÇÃO DA INFANTARIA PARA A GUERRA

Ligação das armas no combate

I

Considerações gerais

Muitos escritores militares, com tendencias particularistas, defendiam, antes da luta sangrenta que, há nove anos, se travou entre russos e japoneses, no extremo oriental do continente asiatico, principios tácticos tão falsos e absurdos, como extremamente perigosos, pelas suas consequencias, para aqueles que os pusessem em pratica no campo de batalha.

Sustentavam êles que os futuros combates seriam, senão o reviver dos recontros singulares entre os cavaleiros da Idade Média, nos quais só resplandeciam as armaduras douradas e transluzia o ardor guerreiro, verdadeiros torneios de armas. As batalhas, como o desenrolar de tragedia emocionante e horrivel, teria o seu prologo e varios actos.

Primeiramente, dizia-se, devia dar-se o embate das cavalarias adversas, lá longe, na frente dos exércitos, até que a que fosse vencida abandonasse, num galopar vertiginoso, o campo de batalha, dando ensejo a que as outras entrassem em scena, por seu turno.

Depois, desenvolviam-se duas extensas linhas de baterias, frente a frente, empenhando-se num batalhar sangrento, feroz, de exterminio, ao qual o resto do exército assistia apavorado,

emquanto dum dos lados não cessasse o torculento vomitar da metralha.

Era o duelo das artilharias, como está em uso dizer-se. Por fim, a infantaria, sem poder contar com o apoio eficaz das outras suas companheiras na refrega, pois estas haviam já esgotado os meios de acção de que dispunham, entrava para a arena, só e desamparada, tendo a difficil missão de realizar o derradeiro esforço. Seriam assim as batalhas! . . .

Na guerra russo-japonêsa demonstrado ficou, á saciedade, o erro que tais utopias encerravam, contra as quaes, em verdade, de ha muito se vinham já pronunciando, abertamente, publicistas dos mais esclarecidos e que gosavam, no mundo militar, de maior notariade e prestigio, pela excellencia dos seus escritos e lucidez dos seus conceitos. Eram os paladinos dos verdadeiros e racionais principios, que a prática veiu confirmar plenamente.

Langlois, o abalizado e erudito escritor militar da França, já em 1907 verberava tais ideias, na seguinte passagem duma das suas mais conceituosas obras:

«Regeitai tão nocivos principios pelo que teem de falsos e perigosos. Nenhuma arma deve procurar laureis isolados; mas antes, nas diversas fases da luta, cada um dos indispensaveis componentes do exército, cheio de abnegação, fará constantemente a si esta pergunta: Que deverei fazer para auxiliar os outros? A táctica, diz Dragomirof, resume-se na camaradagem dos combatentes. E' indiscutivel que tal camaradagem — unica que pode tornar-nos fortes — se prepare durante a paz¹.»

Efectivamente, a ligação e combinação dos esforços de todos os agentes do combate, isto é, a ligação material e moral das unidades visinhas e dos diversos escalões hierarquicos, torna-se mais preciso do que nunca nos combates modernos, em consequencia da vastidão da frente dos contendores, da variedade do terreno em que a luta se trava, e da consideravel iniciativa que se exige aos seus componentes.

«*Todas as armas dependem umas das outras a cada momento e nas variadas fases da luta*», é um axioma na guerra, mas axioma particularmente verdadeiro para a infantaria e a

¹ GENERAL LANGLOIS — *Manoeuvres d'un detachement de toutes les armes avec feux reels.*

artilharia. A combinação íntima dos efeitos destas duas armas é que dá o característico das pugnas da actualidade, cujos factores principais são, depois dos consideráveis e prodigiosos progressos no armamento, *o fogo e a manobra*.

Mas o exército russo, nos primeiros tempos daquela luta emocionante, na qual deu, sem duvida, concludentes provas de valor, parece que não perfilhava, ou, pelo menos, não praticava inteiramente as sábias teorias de Dragomirof. Tanto assim era que Kuropatkine, comandante em chefe das hostes moscovitas na Mandchuria, mais uma vez lembrava aos seus homens de guerra, numa ordem datada de 5 de janeiro de 1905, os bons principios.

Nessa ordem dizia: «Recordo de novo ao exército a *necessidade de todas as armas cooperarem intimamente* para se obter o fim unico e geral: a vitória. Deve manter-se o contacto reciproco das várias unidades, não só na frente da ordem de combate, mas em toda a sua profundidade. Aos diversos chefes, desde o comandante de divisão para cima, cumpre tomar as disposições necessarias para serem informados, oportunamente, a respeito do que se passa não só nos sectores da sua chefia, como nos vizinhos.»

Nem só aos russos tais advertencias se tornavam necessarias e urgentes. Aos proprios japoneses, que tinham incontavelmente uma superior preparação para a guerra, um pouco depois daquela data, a 20 de fevereiro, o general Oku fazia as seguintes recomendações: «E' forçoso que todos prestem a maior atenção ás varias peripecias da luta e principalmente ao movimento das tropas que combatem nos flancos das diferentes unidades, de maneira a poderem julgar por si mesmo da situação, e procederem em conformidade com ela». «*O soldado que só pensa no seu proprio interesse, esquecendo o dos camaradas de combate, nada percebe da arte da Guerra!*»

Estas instruções, transmitidas quasi ao mesmo tempo dos dois arraiais adversos e no proprio teatro da guerra, aos dois exércitos contendores, ve-se bem que correspondem à solução prática e imediata de faltas ampla e devidamente provadas, ás quais era forçoso prover de remedio.

Eram, por isso, tão judiciosos preceitos introduzidos por fim nos respectivos regulamentos, na fórma de prescrições.

O regulamento da infantaria japonesa, modificado depois

da guerra, diz no numero 216: «os chefes devem empregar todos os esforços para que, durante o combate, seja mantida a ligação mutua, a ordem, e uma *judiciosa cooperação de todas as armas*».

No numero 220 recomenda, cuidadosamente, aos chefes subordinados «que durante o combate estejam sempre em ligação com os superiores, para o que devem tomar as necessarias disposições».

Identica é, na essencia, a doutrina do regulamento de manobras da infantaria moscovita.

*

* *

Não foram unicamente os japoneses que, aproveitando o ensinamento colhido na campanha da Mandchuria, proclamaram nos seus regulamentos o principio da cooperação intima, efectiva e constante, das armas no combate, e do concurso que todas elas devem prestar á infantaria para que o esforço, persistente e valioso, desta seja coroada de êxito.

As principais potencias militares do velho mundo fizeram o mesmo, depois de aquele temeroso duelo e da interessante polemica travada na imprensa tecnica, após o seu termo.

Foi por isso que quasi todos os países europeus, convencidos da excelencia e veracidade do aforismo napolionico: «uma arma deve mudar de táctica todos os dez anos», transformaram, no respeitante á peonagem, os preceitos regulamentares num sentido mais amplo, rasgando novos horisontes ao espirito moderno da *iniciativa* e da *solidariedade*.

A Alemanha, a França, a Inglaterra, a Austria, a Espanha e a Italia, seguiram identico caminho. Até a minuscula Suissa, num alevantado impulso de progresso no campo da sciencia militar, lhes caminhou na esteira.

Vejamos, então, em esboço apenas, o que sobre a solidariedade das armas no combate prescrevem os regulamentos tácticos da infantaria francêsa e alemã, que mais ou menos serviram de molde aos das outras nacionalidades europeias.

No regulamento alemão, além de outros preceitos tendentes a afirmar e exaltar o salutar principio da mutua cooperação e auxilio, encontrámos as seguintes disposições, que só

por si dizem o bastante: «A infantaria raras vezes tem ocasião de se encontrar só no combate; na maior parte dos casos combaterá em ligação com as outras armas». «No combate a acção da infantaria não póde separar-se da da artilharia nem em relação ao tempo, nem em relação ao espaço, *devendo conjugar-se a acção de ambas*»¹.

O regulamento de manobras da infantaria francesa, publicado em 3 de dezembro de 1904, dizia já referindo-se a este interessante assunto:

«O concurso das diferentes armas permite á infantaria desempenhar o melhor possível o seu importante papel no combate; no campo de batalha todas elas se devem auxiliar mutua e eficazmente»².

O actual, que é a remodelação daquele, perfilha a mesma doutrina, dando-lhe maior amplitude.

O regulamento da infantaria espanhola—que muito nos interessa conhecer, atenta a afinidade de raça e a visinhança dos dois povos peninsulares, os quais, por vezes, teem combatido lado a lado contra um inimigo cumum e outras lutado denodadamente em campos adversos—sendo um dos mais bem elaborados que conhecemos, perfilha nesta parte, inteiramente, a doutrina alemã. E os principios tácticos seguidos no exército da nossa aliada, a Inglaterra, baseada na experiencia da severa lição da campanha sul-africana, consideram com imprescindível a coordenação intima das tres armas em todas as situações da guerra, conforme a missão especial de cada uma delas.

Em Portugal, o espirito moderno da ligação intima das armas está nitidamente definido no regulamento da infantaria, no qual colaboraram algumas das mais notaveis individualidades da arma. Inspirando-se os seus elaboradores em tão salutareis ideias, concretizaram num sugestivo e impressionante capitulo, intitulado: «*Solidariedade das armas na batalha*» as regras tendentes a cimentar, desenvolver e regular a união intima dos agentes de combate, na guerra, por ser só do esforço

¹ *Regulamento dos exercicios da infantaria alemã*, n.ºs 443 e 444.

² *Regulamento táctico da infantaria francesa*, de 1904, art. 287.

conjugado e persistente de todos êles que se consegue aniquilar o inimigo ¹.

«A infantaria, diz o nosso regulamento, só, muito excepcionalmente, no desempenho de missões especiais combate isolada. Na batalha é o esforço harmonico e persistente de todas as armas que consegue o esmagamento do inimigo. E' o avanço da infantaria que decide a vitória; as outras armas aproveitam todas as circunstancias favoraveis á sua intervenção, auxiliando moral e materialmente aquela arma, cuja continuidade de acção, garantia do exito final, procuram assegurar» ².

Prescreve ainda, muito criteriosamente, que nas localidades em que existem guarnições mixtas, os comandantes das unidades da infantaria solicitem das auctoridades competentes que, em alguns exercicios as unidades das outras armas tenham representação real, ou que os homens encarregados do seu figurado sejam dirigidos por officiais das proprias armas representadas ³.

E, sendo manifesta a vantagem de a infantaria conhecer a maneira de combater das suas companheiras de luta, alvitra que, sempre que as circunstancias o permitam, assistam aos exercicios de combate que aquelas realizem, especialmente quando nêles tomar parte a artilharia e esta execute fogos reais.

Como se vê, o regulamento táctico da infantaria portugêsa, publicado em 1912, com character provisorio, vai muito alem, neste ponto, dos diplomas congeneres em que foi inspirar-se: o regulamento francês e o alemão. Perdendo o acentuado espirito particularista do de 1898, nas formas do combate estabelece regras gerais, não contraria, antes anima e preconisa o indispensavel espirito de iniciativa, e difunde, como provado ficou, o principio da intima cooperação das armas, da acção coordenada e contínua da artilharia, e do concurso que todas

¹ No combate da infantaria em ligação com as outras armas, só a intelligente cooperação de todas poderá conduzir a resultados favoraveis e decisivos.

REGULAMENTO PARA A INSTRUÇÃO TÁCTICA DA INFANTARIA — 2.^a parte n.º 4.

² *Idem, idem* — n.º 276.

³ *Idem, idem* — n.º 13.

elas, incluindo a engenharia, devem prestar á peonagem para que o esforço valioso e primordial desta tenha como epilogo a vitória. E', sem duvida, um regulamento moderno, inteligentemente concatonado, ao qual ainda os mais exigentes apenas ousam apontar ligeiros senões.

*

* * *

A guerra dos Balkans fornece tambem ensinamentos que confirmam as nossas asserções. E' esta pelo menos a opinião dominante. Há, comtudo, quem dela se afaste.

O general Herr da artilharia francêsa, por exemplo, no estudo que fez do emprego da sua arma nas batalhas de *Cuamano*, *Monastir* e *Ciatalgia*, as principais daquela campanha, pronuncia-se pelo reviver do duelo das artilharias, que reputa necessario, e pretende até apoucar os efeitos mortiferos das armas portateis nas mencionadas batalhas, comparados com os da artilharia de campanha.

A verdade porem é que pelos dados estatisticos ali colhidos por outros estudiosos confirmados ficaram, mais uma vez, os seguintes principios, tidos como classicos:

1.º Que o resultado do duelo das duas artilharias não é geralmente decisivo;

2.º Que a artilharia é impotente para, por meio do seu fogo destruidor, obrigar o inimigo a retirar-se, *devendo por consequencia o seu papel limitar-se a auxiliar, por todos os meios de que dispõe, os progressos da infantaria, unica capaz de obter tal resultado*;

3.º Que, como nas guerras anteriores, a percentagem das baixas produzidas pelos projecteis das armas portateis é muito superior á dos ferimentos ocasionados pelas granadas da artilharia ¹.

Convencidos, pelos resultados dos primeiros recontros, os combatentes balkanicos, de que a artilharia devia atirar, em todas as fases da luta, sobre os principais obstaculos que se opunham á marcha da infantaria, objectivo que só era alcançado pela intima ligação das duas armas; no proprio teatro da

¹ GENERAL PERCIN — *L'artillerie au combat* — pag. 87.

guerra—como anteriormente haviam praticado russos e japoneses—tomaram as suas medidas, tardias e incompletas é verdade, para que tal ligação fosse eficaz.

De facto ela foi sempre muito procurada, sobretudo pelos servios, mas resultou mais da iniciativa dos chefes subordinados, iniciativa imposta pelas circunstancias, do que de ordens ou instruções superiores.

«Um ponto quedou nitidamente estabelecido—diz-nos o capitão Alvin²—foi a necessidade, para não atirar sobre a infantaria amiga, de ter a artilharia constantemente ao facto dos progressos da cadeia que póde escapar ás suas vistas, ao atravessar um barranco, ou uma ondulação de terreno».

Os servios empregaram para este fim os sinais feitos por meio de bandeiras.

Durante toda a campanha, indicavam os avanços mais consideráveis da linha de atiradores acendendo fogueiras de palha ou mato; ou incendiando, em casos extremos, algumas casas duma aldeia ou um casal isolado.

O serviço de ligação nem sempre funcionou bem no exército bulgaro, de cujo facto resultou o erro, a falta irreparável de, por vezes, a sua artilharia atirar sobre a infantaria amiga. Assim sucedeu, por exemplo, no ataque das posições avançadas de Pahas-Tépé, perto de Andrinopla, aonde o regimento de infantaria 12 perdeu, vitimado pelas granadas dos seus, a quarta parte do efectivo; no dia do assalto de Andrinopla, um corpo de infantaria, que atacava Kestenlik, foi varejado pelos tiros da sua artilharia.

Para assegurar a precisa ligação nenhuns preceitos regulamentares estabeleceram os bulgaros, vendo-se, por isso, os comandantes das unidades das diversas armas na conjuntura de terem que procurar, na ocasião da refrega e pelo seu proprio alvedrio, os meios praticos para tal fim. Uns empregavam os sinais feitos com bandeiras e lanternas de côres, e outros obrigavam os soldados a levar palha sobre as mochilas a que depois deitavam o fogo na posição, servindo de sinal, de dia e de noite.

A ligação da infantaria com a artilharia de campanha foi

² CAPITÃO ALVIN—*Conferencia sobre o ensinamento da campanha dos Balkans*—publicada na *Revista Militar* do mês de outubro de 1914.

deficiente na hoste helénica, o que constituiu a mais importante causa das perdas sofridas pela peonagem grega. Pelo contrario, a artilharia de montanha deu sempre provas duma bela camaradagem de combate.

*

* *

Ainda não é tempo de conhecermos que transformações produzirá nos preceitos táticos, hoje em voga, a cruenta luta agora travada entre alemães e austriacos duma banda, e russos, francêses, inglêses e belgas da outra, a qual ameaça convulsionar e envolver a Europa inteira. Nenhuma se deu ainda até hoje tão grandiosamente horrivel pela violencia dos processos empregados, pela perfectibilidade das maquinas destruidoras e dos aprestos guerreiros postos em acção num e noutro campo, e pela enormidade dos efectivos.

Quer-nos, porem, parecer, sem temor de erro, baseados nas informações vindas do teatro da guerra — depois de depuradas dos seus evidentes e inevitaveis exageros — que a tática das três armas se não modificará na sua essencia, pelas lições colhidas, quando a paz, pela qual o mundo inteiro aneia, venha a efectuar-se. As transformações na tática provem invariavelmente dos progressos no armamento, e, por isso, apesar do emprego dos canhões de campanha de grande calibre, não se tem ensaiado processos novos de combater para a infantaria, nessa contenda homérica, mas antes se vem praticando os já considerados como mais perfectos nas ultimas campanhas.

Tem-se tambem tornado evidente a importancia crescente da fortificação do campo de batalha e do inteligente aproveitamento dos accidentes do terreno para atenuar o poder destruidor das armas modernas, assim como se tem reconhecido o valor e importancia da defensiva activa para quebrar os primeiros embates dessas massas colossais que, tão encarniçadamente numa epilepsia de devastação, lutam para conseguirem a almejada vitória.

Mantem-se, pois, em toda a sua pureza, o principio:

Que a infantaria continua a ser a arma por excellencia ; é sempre ela que, nas marchas, no estacionamento e no combate

assume a tarefa mais dificultosa e pesada, suporta as maiores fadigas e faz os mais crueis sacrificios. Finalmente é ainda dela, da sua ofensiva resoluta e das suas hesitações ou falta de energia que dependem a vitória ou a derrota.

Os esforços da cavalaria e da artilharia devem ter um fim unico: preparar, auxiliar e assegurar os da infantaria que, perante os progressos do armamento, é a arma principal.

Não devemos esquecer tambem que a infantaria tem para com os seus valiosos auxiliares deveres reciprocos e de intima solidariedade, pois as três armas, em proporções definidas pelas necessidades da guerra, formam um bloco indivisivel, devendo ser consideradas não como três corpos separados, mas como três membros de um só e unico corpo o exército. Não se justifica, pois, a existencia de três tacticas, mas a de uma só que é a das três armas, com necessidades e meios proprios a cada uma ¹.

Sendo assim, deverá organizar-se um regulamento comum a todas as armas, no qual a infantaria, a cavalaria e a artilharia se inspirem para a redacção dos seus regulamentos privativos ².

E depois se já assim se pratica com o regulamento de campanha, porque se não ha de fazer o mesmo com o regulamento táctico?

Indispensavel se torna tambem cuidar a serio, com devotado amor e patriotico interesse, da preparação das tropas para a guerra. Está nisso empenhado o nosso brio de portuguezes. Só assim poderemos manter bem vividas as gloriosas tradições do passado; só assim estaremos preparados para defender o torrão que nos foi berço, com a gloria de sempre.

Não devemos olvidar nunca, para que a convergencia dos esforços seja uma realidade, que é forçoso insuflar na alma de todos os que vestem uma farda, e especialmente dos chefes, o imprescindivel espirito de camaradagem. E' mister instruir os quadros das diferentes armas, tomando como base essencial a unidade de doutrina e educa-los na escola fecunda da iniciativa e do amôr á responsabilidade.

¹ TENENTE CORONEL DE FONCLARE—*Quelques idées sur l'instruction d'un regiment d'infanterie*—Pag. 184.

² GENERAL PERCIN—*L'artillerie au combat*—Pag. 87.

Mas se instruir e aprestar devidamente a milicia portugueza constitui uma necessidade nacional, formar o carácter do soldado e do cidadão é um dever sagrado.

Grave-se-lhe, indelevelmente, na alma o ideal do sacrificio pela bandeira que simbolisa a Nação; estimule-se-lhe a energia, a actividade, a resignação nas privações e nos sofrimentos e o desprezo pela morte, por serem os mais belos elementos do carácter, felismente ingénitos na raça portugueza; e apon-te-se-lhe o caminho da honra e do patriotismo.

Sem carácter não pode haver iniciativa em qualquer grau da hierarquia militar, e sem iniciativa é impossivel hoje desempenhar um papel util em qualquer operação de guerra.

Só, possuindo uma educação moral perfeita e uma completa instrução, os soldados de Portugal saberão sacrificar-se pelos camaradas no combate; as diferentes armas se auxiliarão e apoiarão durante a peleja, com brio e abnegação; e o nosso exército estará pronto e apto para tudo imolar no altar da Patria, defendendo, com valôr nunca ultrapassado, a integridade nacional. Senão, as nossas instituições militares perdem o seu tempo! . . .

Estudar, pois, o auxilio que cada arma deve á infantaria no campo de batalha, e o que esta deve ás outras armas, é o nosso principal intento neste despretencioso trabalho.

II

Os agentes de ligação

Á medida que nos diferentes exércitos, que mais cuidam do seu aperfeiçoamento, foi reconhecida a necessidade de tornar efectiva e prática a convergencia dos esforços de todos os seus componentes, e especialmente das duas armas irmãs, a infantaria e a artilharia, na batalha, que em todos êles se procurou a mais prática e facil solução ao problema das ligações, nos seus varios aspectos e sob uma forma racional e prática.

Convencidos de que *só uma ligação material, criteriosa e solidamente estabelecida, torna proficua a ligação intelectual e moral que deve existir entre todos os comandos*¹, escolheram

¹ *Instruções para os Agentes de Ligação da Infantaria.*

os melhores agentes de ligação, estudaram as suas funções na guerra e regularam a forma de dar aos quadros uma instrução completa desta especialidade.

No nosso exército se alguma cousa se tem feito neste sentido, muito ha ainda que fazer.

A troca constante de comunicações entre o comando superior e os subordinados e entre os chefes das unidades vizinhas tem decididas vantagens. Não só permite ao comando transmitir, rapidamente e com segurança, as suas ordens e receber em troca todas as informações, noticias e relatorios que lhe são destinados, como tambem dá ensejo a que os chefes das unidades, que tomam parte nas mesmas operações, permutem todas as comunicações e informes sobre as suas reciprocas situações, com o auxilio das quais poderão combinar utilmente os esforços comuns para obterem o triunfo. É o que na guerra se pretende.

Os meios materiais postos á disposição do comando, para conseguirem um tal desiderato, são; *os agentes de ligação, os agentes de transmissão, os sinais, a telegrafia e o telefone.*

Apesar de ter para nós mais palpitante interesse o estudo dos meios de ligação especialmente usados no combate, não deixaremos ainda assim de fazer referencia aos empregados nas marchas e no estacionamento.

As informações, noticias e ordens, são transmitidas por *ciclistas, ordenanças montadas, telefone, postos opticos e telegrafo de campanha.*

Para agentes de ligação, utilizam-se todos os processos técnicos que garantam uma transmissão rapida e segura. Não deve, porém, em caso algum prejudicar-se o cumprimento da missão duma unidade no intuito de assegurar as ligações.

*

*

*

No combate consegue-se a ligação entre as divisões e destas com os regimentos e grupos por meio do *telegrafo de campanha, os automoveis* e as *motocicletes*. E entre os regimentos e os seus diversos escalões, assim como entre a infantaria e a artilharia, empregando *cavaleiros e ciclistas*, e estabele-

cendo *postos telefônicos, postos de sinaleiros e cadeias de homens*¹.

Na marcha para o inimigo, a ligação será estabelecida da rétraguada para a frente, e nas marchas em retirada, em sentido contrário.

As tropas em primeira linha, na ofensiva, só, geralmente, devem utilizar cadeias de homens e postos de sinaleiros; podendo, na defensiva, empregar com vantagem postos telefônicos.

As unidades mais avançadas destacam como exploradores oficiais e sargentos que, conhecedores da situação, transmitem, pelos meios mais rápidos, todas as observações que obtiverem do inimigo, efeito dos fogos e natureza do terreno a atravessar pela respectiva unidade.

Serão acompanhados dos agentes necessários para transmitirem as suas informações.

Na guerra europeia de 1914, são empregados, frequentemente, com exito admiravel, os aviões para reconhecerem a situação e forças do inimigo.

E' um factor de supina importancia para orientar o alto comando.

Os cavaleiros e ciclistas não se empregam na linha de fogo.

Os postos telefônicos, que constituem indiscutivelmente um magnifico processo de estabelecer as ligações, apesar de terem sido usados pelos japoneses na campanha da Mandchuria e em todas as situações, não são de facil emprego na ofensiva, pelas tropas em primeira linha, pela dificuldade na mon-

¹ Na infantaria, cada comandante de companhia dispõe, para agentes de ligação e avaliadores de distancias, de um corneteiro e duas praças escolhidas por pelotão.

Em cada pelotão, uma praça graduada, ou soldado escolhido, devidamente instruído no serviço de agente de ligação, mantém-se em constante comunicação, pela vista, com o comandante de companhia.

O comandante de batalhão tem ás suas ordens, para o indicado fim, o ajudante, o mestre ou contra-mestre de corneteiros e duas praças escolhidas por companhia.

O comandante do regimento dispõe do ajudante, dos oficiais fazendo serviço junto do comando, de ciclistas e ordenanças montadas.

Regulamento para a instrução táctica da infantaria — II Parte, n.ºs 331, 342 e 348.

tagem e facilidade na intercepção da corrente pela destruição do fio conductor. São contudo utilizados na defensiva e nos ataques planeados.

Os *postos de sinaleiros*, estabelecidos em locais apropriados, fora das vistas do adversario e a convenientes distancias, é que, sem dúvida, constituem o processo mais rapido e perfeito de transmitir ordens, noticias e informações. Com pequenissimos efectivos, utilizando de dia as bandeiras e de noite as lanternas, os postos de sinaleiros são dum emprego constante na guerra moderna. Nem só no combate o seu papel é importante. Nos estacionamentos facilitam a ligação entre os diversos escalões dos postos avançados e entre estes e as forças á rétaguarda, e nas marchas garantem a segurança do grosso das colúnas.

Os postos telefonicos e de sinaleiros devem estabelecer-se em locais que permitam uma grande economia de efectivos e uma ligação desenhada das vistas e dos fogos do adversario e ao abrigo das suas surpresas, subordinando-se sempre á situação táctica.

A distancia entre êles varia com a natureza da região, configuração do terreno e estado atmosferico.

Em condições normais, o emprego dos sinais garante resultados práticos até ás distancias de 700 metros, sem bandeiras; 1:500 metros, com bandeiras; 2:500 metros com bandeiras, fazendo uso do binoculo; e 3:000 metros de noite, com a lanterna de sinais, empregando, em caso de necessidade, o binoculo.

Os postos de sinaleiros podem ser *simples* ou *compostos*.

O *posto simples* é formado geralmente pelo comandante e um sinaleiro, e o *composto*, pelo comandante e tantos sinaleiros quantas são as direcções de transmissão. Estes ultimos devem ser estabelecidos quando não fôr possivel a comunicação directa entre os dois postos, ou do seu emprego resulte economia de pessoal.

O comandante do posto é o encarregado de receber os despachos, dispondo de cadernos copiadores (copia obtida a papel quimico), do registo do posto e duma carta da região.

Cada sinaleiro deverá dispor de 3 bandeiras, sendo uma *branca*, outra *azul* e a terceira *amarela*, e duma bussola. Para serem usadas de noite, cada posto deve possuir tambem uma

lanterna de sinais para cada linha de transmissão. A experiência tem demonstrado que sobre um fundo claro é o azul que melhor se distingue, no fundo sombrio é o branco e, quando a atmosfera está pardacenta, é preferível o amarelo ¹.

Cada posto deve ter um bom binóculo; e, quando as circunstâncias o aconselhem, farão parte dos postos ciclistas ou cavaleiros, para serem utilizados como sinaleiros.

Os postos telefônicos são geralmente simples, sendo constituídos por dois aparelhos e tendo o efetivo de 5 praças. Comanda o posto um sargento ou cabo escolhido. Cada posto dispõe de cadernos copiadores, registo do posto, uma carta da região e uma bússola ².

O emprego de *cadeias de homens*, distanciados de 60 a 200 passos, segundo o terreno e os processos de transmissão adotados, tem o inconveniente de inutilizar grande número de combatentes, quando as unidades estão muito afastadas e de, por vezes, no frágil do combate, se não ouvir a voz dos agentes; mas, em nossa opinião, tais inconvenientes são bastante atenuados reduzindo quanto possível o número de homens e

¹ Não há concordância nos diferentes exércitos no respeitante às cores adoptadas para as bandeiras de sinais ou discos, pois que nem todos empregam bandeiras. É assim que o exército espanhol, por exemplo, adopta três cores: a *branca*, a *preta* e a *roxa*, tendo como característico um quadrado ao centro da bandeira, preto na primeira e branco nas duas restantes. Em cada cor há três tamanhos de bandeiras, conforme a distancia dos postos, o que dá para cada posto 9 bandeiras. É, sem duvida, inconveniente o emprego de tantas bandeiras.

Os alemães na guerra actual empregam as mesmas cores que nós empregamos e que são as regulamentares no exército germanico.

A Inglaterra usa bandeiras *azues* e bandeiras *brancas, com faxa diagonal azul*.

Na França emprega-se o disco de duas faces, uma *vermelha* e a outra *branca*.

² Não nos deteremos a descrever o material destinado aos agentes de ligação e especialmente o pertencente aos postos telefônicos, porque esse material bem como o dos sinaleiros vai ser alterado.

Uma sub-comissão delegada da Comissão Técnica de Infantaria já procedeu a experiências para a sua escolha. Parece que será também adoptado o processo de sinalização com duas bandeiras e duas lanternas de luz fixa. processo sem duvida mais perfeito, e o emprego das cores *branca* e *vermelha*, tanto para as bandeiras como para as lanternas.

empregando-se o porta voz ¹. Além de que facilmente se organizam e preparam, não havendo o risco de inutilizar completamente um tal agente durante a luta.

O que se torna sobre tudo indispensavel é dar aos homens uma instrução muito cuidada e demorada. A transmissão na cadeia faz-se de homem para homem.

*

* *

A transmissão das ordens, informações ou noticias será feita verbalmente ou por escrito. Os assuntos de reconhecida importancia devem ser transmitidos por escrito.

De transmitirem as ordens verbalmente são sempre encarregados officiais.

As ordens só serão dadas ou transmitidas verbalmente quando as tropas estiverem concentradas, ou se trate de ordens simples e breves, cuja execução tenha de se efectuar sob as vistas da autoridade donde emanarem.

A correspondencia escrita, que transitar por um posto de sinaleiros, é devidamente registada; e a correspondencia verbal, originaria ou que transite pelos postos, é registada e o assunto consta dos cadernos copiadores ².

Os elementos de ligação a que nos temos referido não são suficientes para assegurarem a coordenação dos esforços entre as diferentes armas e as varias unidades de cada uma delas, por isso é tambem absolutamente indispensavel que haja a *troca de agentes de ligação entre as unidades contiguas* ³.

Quer dizer que é da maior conveniencia a presença de ofi-

¹ O exército austriaco emprega o porta-voz. Os batalhões de infantaria usam dois modelos de porta-voz, ambos munidos duma corneta de chamada, diferindo um do outro sómente pela sua força. Uns, com 0,49 de comprimento, são destinados aos comandantes dos batalhões; os outros de 0^m,43 aos comandantes de companhia.

² Todos os preceitos do regulamento de campanha referentes á transmissão de ordens escritas, participações etc., no respeitante aos cuidados a haver com a sua conservação e ás precauções necessarias para evitar que caiam em poder do adversario, tem inteira applicação no caso presente, sendo portanto ocioso reproduzi-los.

³ *Instruções para os Agentes de Ligação da Infantaria.*

ciais destacados para junto dos comandos inferiores ligados á infantaria, cujo ataque é apoiado por determinadas baterias, e tambem junto das unidades proximas.

Tal necessidade é plenamente justificada por um erudito escriptor militar portugûes nas seguintes palavras: «O comando, absorvido pelos atritos que a cada passo surgem, necessita uma forte energia, fisica e moral, para decidir e informar, dar ordens e procurar as decisões dos seus superiores. Uma vez na *fournise* ele deve conservar o espirito sereno, despreocupado, sabendo quanto o comando contiguo necessita o seu auxilio, ou, pela situação em que se encontra, póde apoiar uma acção que decidirá a vitória. Estas *noticias* tão importantes como as ordens e informações, só lhe podem ser prestadas por alguém que pertença ao seu comando, por alguém que pense na sua unidade e cuja unica missão seja transmitir as *noticias* do que se vai passando. E' este o unico meio de evitar uma retirada precipitada, ou uma ofensiva arriscada ¹».

Na campanha dos Balkans, já o dissemos, a ligação da infantaria com a artilharia de campanha foi insufficiente, dando isso causa a varios desastres; mas em Sarandaporos, por exemplo, as baterias de montanha fizeram uma habil preparação, *regulando o tiro deante dos officiais de infantaria*, afim de evitar qualquer causa de erro de objectivo. Em Yénidjé-Vardar deu-se precisamente o mesmo facto.

E' pois a experiencia da guerra que confirma aquele proficuo preceito, já consignado nos nossos regulamentos.

*

* *

Em marcha, ligam-se os elementos duma colúna por meio de patrulhas de dois homens, cavaleiros e ciclistas.

A **ligação dos estacionamentos** entre si e destes com os postos avançados é garantida por ciclistas, cavaleiros, postos de sinais e postos telefonicos.

¹ CAPITÃO PIRES MONTEIRO—*Necessidade dos agentes de ligação*—Artigo publicado na Revista Militar n.º 10 de 1914.—Pag. 747.
1915

Noutros artigos trataremos do ensino especial dos agentes de ligação e transmissão, e estudaremos a forma de se ligar, em campanha, a infantaria com a cavalaria e com a artilharia.

Lisboa, fevereiro de 1915.

FERREIRA GIL
Coronel de infantaria



O DISCURSO DE LLOYD GEORGE

Tem sido reproduzido pela imprensa mais importante das nações aliadas, e ainda pela das neutrais, o importante discurso pronunciado não ha muito no parlamento inglês pelo ministro Lloyd George. Ha razão para isso, porque poucas vezes a eloquencia parlamentar tem tomado um tom mais sugestivo, embora exentrico nalguns pontos, do que assumiu nesse discurso do notavel orador, que é hoje uma gloria do seu país. Por esse motivo, e porque nele se ventilam assuntos internacionais, que interessam essencialmente ás nações pequenas, como a nossa, entendemos dever deixar reproduzidas nas nossas colúnas esse discurso, o qual assumiu de valor por ser incessantemente coberto pelas manifestações de aplauso, que demonstraram estar sendo o ministro verdadeiro eco do seus compatriotas.

Segue o discurso :

«Não ha homem que com mais relutancia e maior repugnancia tenha encarado, como eu, em toda a sua carreira politica, a perspectiva de se vêr envolvido em uma grande guerra, e da mesma fórmula não ha homem mais convencido, do que eu, de que só a poderíamos ter evitado sacrificando o pun-donor nacional. E' facto, por demais conhecido, tambem, que toda a nação que uma vez se acha envolvida em guerra sempre tem invocado para se justificar o sagrado pretexto da honra. Muitos são os crimes que em nome desta se têm cometido e ainda presentemente se estão cometendo. Muito embora assim seja, a honra nacional é uma realidade e ai da nação que assim o não considere. Porque é que a honra do nosso país se acha envolvida nesta contenda? Em primeiro lugar, estavamos comprometidos por honrosas obrigações a defender a independencia, a

liberdade, a integridade de uma pequena potencia vizinha, que sempre viveu em paz. A sua simples fraqueza não bastava para nos forçar a faze-lo, mas todo aquele que se esquivava a cumprir o seu dever, porque o crédor é demasiado pobre para o compelir a isso, não passa de um ruim vilão. Entrámos como participantes em um tratado, um solene tratado, qual o de defender a Belgica e a sua integridade. As nossas assinaturas acham-se afixadas nesse documento, assinaturas que, de resto, se não encontram isoladas, pois não foi este o unico país que se comprometeu a defender a integridade da Belgica. Lá estão tambem as da Russia, França, Austria e Prussia. Porque é que a Austria e a Prussia não estão cumprindo com a sua parte no contracto? Ha quem tenha sugerido que as nossas referencias áquele pacto nada mais representam do que uma desculpa da nossa parte, manigancias e velhacaria para encobrir o nosso ciume de uma civilização superior, que estamos tentando destruir. A nossa resposta está no nosso modo de proceder em 1870. Qual foi ele? Era então presidente do Conselho Mr. Gladstone, se bem me recorde, Lord Granville era o Ministro dos Negocios Estrangeiros, e nunca me constou que qualquer deles jámais tenham sido considerados como Ferrabrazes.

O que é que eles fizeram em 1870? Achavamos-nos já então ligados por aquele tratado. Intimámos as potencias beligerantes a respeita-lo. Intimámos a França, e intimámos a Alemanha. E' preciso ter presente, que nessa ocasião o maior perigo para a Belgica provinha da França e não da Alemanha. Interviámos para proteger a Belgica contra a França, precisamente como agora o estamos fazendo para a proteger contra a Alemanha. Procedemos exactamente da mesma forma. Convidámos ambas as potencias beligerantes a declarar que não tinham tenção de violar o territorio belga. Qual foi a resposta dada por Bismarck? Disse que era superfluo fazer semelhante pergunta á Prussia em vista dos tratados vigentes. A França deu uma resposta identica. Nessa ocasião recebemos os agradecimentos do povo belga pela nossa intervenção, em um notavel documento. Foi este documento dirigido pela Municipalidade de Bruxelas á Rainha Victoria, depois dessa intervenção, e era concebido nos seguintes termos: —

«O grande e nobre povo sobre cujos destinos presidís acaba de dar mais uma prova dos seus sentimentos benevolos para

com o nosso país. A voz da nação Inglesa fez-se ouvir acima do estrepito das armas e sustentou os principios da justiça e do direito. A seguir á inabalavel dedicação do povo Belga pela sua independencia, o sentimento mais vivo que transborda de seus corações é o de uma gratidão imperecível.»

Deu-se isto em 1870. Reparem no que succedeu. Três ou quatro dias depois daquela mensagem de agradecimento, achava-se encurralado um exercito Francês contra a fronteira Belga, com todos os meios de evasão tolhidos por um circulo de fogo dos canhões Prussianos. Havia apenas um meio de salvação. Qual era? A violação da neutralidade Belga. E o que succedeu? Nessa ocasião os Franceses preferiram a ruina e humilhação á quebra do compromisso tomado. O Imperador Francês, os Marechais Francêses, 100.000 bravos Francêses armados, preferiram ser transportados para o cativo no territorio inimigo a deshonrar o nome de sua patria. Era o ultimo exercito em campo. Se tivesse violado a neutralidade da Belgica toda a historia dessa guerra teria sido modificada e, apesar disso, a França não falseou a sua palavra, quando era do seu interesse faze-lo.

Hoje é do interesse da Prussia quebrar o tratado, a que se obrigára, e acaba de o fazer. Confessa-o com o mais cinico desprezo por todos os principios da justiça. Diz ela: «Os tratados só se cumprem quando vale a pena cumpri-los.» O que é um tratado? Responde o chanceler alemão: «um bocado de papel.» Têm por aí algumas notas de 5 libras? Não as quero. Têm por aí algumas dessas elegantes notinhas do tesouro de 1 libra cada uma? Pois se as têm — queimem-nas; são apenas bocados de papel. De que é que são feitas? De trapos. Qual é o seu valor? O credito de todo o Imperio Britanico. Bocados de papel! Com bocados de papel estive lidando o mês passado. Viu-se que, de repente, o comercio mundial tinha ficado paralisado. A maquina parára. Porque razão? Eu lhes explico. O maquinismo do comercio era posto em movimento por letras de cambio, miseraveis bocados de papel amarrotados, manchados, cheios de garatujas, e, no entanto, é com esses miseraveis bocados de papel que se imprime movimento a grandes naves abarrotadas de milhares de toneladas de preciosos carregamentos, que vão de um extremo do universo ao outro extremo. Qual é a força motriz que se encontra atraz deles? A honestidade do comerciante. Os tra-

tados representam paralelamente a moeda corrente internacional entre os homens de Estado. Ora sejamos justos, os negociantes e industriais alemães gosam por todo o mundo comercial, da reputação de serem tão serios e correctos nos seus negocios quanto é possível se-lo, mas se a moeda corrente do comercio alemão estiver tão depreciada como a dos seus estadistas, não haverá um negociante sequer, de Changhai a Valparaizo, que volte a olhar para uma assinatura alemã. Tanto a doutrina do bocado de papel, como a prégada por Bernhardi, de que os tratados só obrigam uma nação emquanto fôr de seu interesse, atacam o direito comum pela raiz. E' a estrada real para o barbarismo. E' como se alguém se lembrasse de remover o Polo Magnetico porque impedia o transito de um cruzador alemão. Toda a navegação dos mares se tornará perigosa, difficil e impossivel, e todo o maquinismo da civilisação virá á terra, se fôr com esta doutrina que esta guerra tiver de vencer. Estamos combatendo contra o barbarismo, e só ha uma maneira de pôr as coisas no seu justo lugar. Se ha nações que dizem só respeitar tratados quando seja do seu interesse faze-lo, incumbe-nos a nós fazer com que de futuro esse interesse exista sempre.

Qual é a sua defeza? Recordemos a entrevista que teve lugar entre o nosso embaixador e os grandes funcionarios alemães. Ao ser chamada a sua atenção para este tratado, de que eles eram participantes, disseram: «Não lhe podemos dar remedio. A rapidez de movimentos é o grande activo alemão». Há ainda um activo maior para uma nação do que a rapidez de movimentos, e vem a ser a seriedade do seu trato. Quais são as desculpas da Alemanha? Diz que a Belgica estava conspirando contra ela; que a Belgica se achava comprometida em uma grande conspiração com a Inglaterra e com a França, para a atacar. Não só isto não é verdadeiro, como tambem a Alemanha sabe que não é verdadeiro. Vamos a outra desculpa. Que a França tinha em mente invadir a Alemanha através da Belgica. Isto é absolutamente falso. A Belgica disse: «Não preciso do auxilio francês. Basta-me a palavra do Kaiser.» Cesar seria capaz de mentir? Todas estas historias de conspirações estão já desacreditadas, de ha muito tempo. Uma grande potencia deveria ter pejo em proceder como um falido fraudulentamente, faltando aos seus juramentos em todas as suas obrigações. O que ela diz é falso. Faltou ao tratado deliberadamente e da

nossa parte era um dever de honra cumprir com as obrigações estipuladas.

A Belgica foi tratada brutalmente e ainda não sabemos até que ponto chegou a brutalidade, o que já sabemos, porém, é demais. O que é que ela, porém, tinha feito? Porventura havia mandado um *ultimatum* á Alemanha? Tinha ela desafiado a Alemanha? Estava-se preparando para guerrear a Alemanha? Porventura cometerá ela alguma acção, que o Kaiser considerasse de seu dever desagrar? Pelo contrario, era ela uma das mais inofensivas pequenas potencias da Europa. Pacífica, industrial, economica, trabalhadora, não ofendendo ninguem. Os seus campos de trigo teem sido talados, as aldeias incendiadas, as suas obras de arte destruidas, os seus homens chacinados e tambem as mulheres e creanças. (*Vozes: Infamia!*) Centenas de milhares de familias, com suas aconchegadas e confortaveis casinhas reduzidas a cinzas, andam errantes sem lar no seu proprio país. Qual foi o crime delas? Foi seu crime o terem confiado na palavra dum rei prussiano. Não sei o que espera o Kaiser levar a cabo com esta guerra. Tenho a minha idéa do que ele obterá; o que porém póde dizer-se, que ele tornou positivo, é que nenhum país jámais cometerá esse crime.

Não me alargarei sobre detalhes de violencias. Muitas são menos verdadeiras, o que sempre succede em tempo de guerra. A guerra é coisa fera e medonha, encarada quer pelo melhor ou pelo peor dos lados e não sou eu quem vá dizer, que tudo o que se tem dito a respeito de violencias é forçosamente verdadeiro. Mais ainda, direi, tambem, que mandando-se dois milhões de homens para o campo de batalha, forçados, conscritos, obrigados, trocados, forçosamente se encontrá sempre entre eles um certo numero, que praticará actos de que se envergonharia a nação a quem pertencem. Não me baseio nessas historias. Contento-me com a historia que os proprios Alemães confessam, admitem, defendem e proclamam: os incendios, massacres e fusilamentos do povo inofensivo. Mas a perfidia dos Alemães já lhes falhou. Entraram na Belgica para ganhar tempo. O tempo foi-se. Não ganharam tempo, mas perderam o seu bom nome.

Não é a Belgica, porém, a unica potencia pequena, que tem sido atacada nesta guerra, e não busco circumloquios para me referir á questão de um outro país pequeno, a questão da Servia.

Foi uma nação treinada em uma horrível escola, mas, a sua liberdade conquistou-a com tenás valor e sustentou-a com a mesma coragem. Se alguns servios se achavam envolvidos no assassinato do Grão Duque deveriam ser punidos. A Servia admitia isto. O Governo da Servia nada teve que vêr com tal facto. Nem a propria Austria exigia tanto. O Presidente do Conselho sérvio é um dos homens mais competentes e honrados da Europa. A Servia estava pronta a punir qualquer dos seus subditos a quem tivesse sido provada a cumplicidade nesse assassinato. Que mais se podia exigir? Quais eram as outras reclamações da Austria? A Servia simpatisava com os seus compatriotas da Bosnia e este era um dos crimes a que tinha de se pôr termo. A sua imprensa estava dizendo coisas desagradaveis ácerca da Austria; era preciso pôr cõbro a isto. Esse é o espirito Alemão; já se viu em Zabern. Que audacia! Criticar um official Prussiano! E se se riem é crime capital: o coronel em Babern ameaçou fazer fogo, se isto se repetisse. Da mesma fórma, a imprensa da Servia não se devia abalançar a criticar a Austria. Nem quero imaginar o que teria acontecido se tivessemos seguido a mesma orientação a respeito da imprensa Alemã. A Servia disse: «Está bem, daremos ordem para que os jornais de futuro não critiquem a Austria ou a Hungria ou o quer que seja relativo a estes paizes.» Quem haverá que duvide do valor da Servia quando procurou limitar a acção dos redactores dos seus jornais? E prometeu não simpatisar com a Bosnia; prometeu não escrever artigos de critica ácerca da Austria e que não consentiria comicios publicos, em que se dissessem coisas pouco benevolas a respeito da Austria.

Mas, mesmo assim, isto ainda era pouco. Teria que demittir do seu exercito os officiais que a Austria subsequentemente indicasse. Esses officiais acabavam de chegar de uma campanha onde tinham acrescentado brilho ás armas servias; eram officiais bravos, valentes e habilitados e, note-se, os officiais não foram mencionados; a Servia tinha que comprometer-se a de antemão demittir-os do exercito, os nomes seriam mandados depois. Qual é o país do mundo que se poderia submeter a semelhante exigencia? (*Vozes: Nenhum, nenhum*). Imagine-se que a Alemanha tinha mandado um *ultimatum* dessa natureza ao nosso país, dizendo: «Demittam do seu exercito e da sua armada todos os officiais cujos nomes depois mandaremos». Quer-me parecer que

desde já os posso nomear: Lord Kitchener teria que sair; Sir John French seria despedido; General Smith-Dorrien teria que marchar, e estou certo que Sir John Jellicoe haveria de partir. Ha ainda um bravo e velho guerreiro que estou certo teria de nos abandonar: Lord Roberts.

A situação era difficil para um pequeno país alanceado pelo pedido de uma grande potencia militar, que poderia apresentar em campo seis homens para cada um que a Servia apresentasse, e essa grande potencia estava ainda apoiada pela maior potencia militar do mundo.

Qual foi o procedimento da Servia? Não é tanto o que acontece na vida que nos afecta, mas sim a maneira porque se encara, e a Servia encarou a situação com dignidade, e disse para a Austria: «Se algum dos meus officiais tiver sido culpado e a sua culpabilidade fôr provada, demitil-o-hei». E a Austria respondeu: «Isso para mim não basta».

Nisto chegou a vez á Russia. A Russia tem uma afeição dedicada pela Servia; tem interesse especial pela Servia. Muitas são as vezes em que os Russos têm derramado o seu sangue pela independencia da Servia, porque a Servia faz parte da familia da Russia, a qual não pode consentir que a Servia seja maltratada. A Austria sabia isto. A Alemanha sabia disto, e voltando-se para a Russia disse-lhe: «Exijo que fique de braços cruzados, enquanto a Austria estrangula o seu irmãozinho». Sabem que resposta deu o eslavo Russo? A unica que ficaria bem a um homem digno. Voltou-se para a Austria e disse: «Toque com um dedo só que seja no rapazinho e faço-lhe em cavacos o seu imperio de retalhos». E o caso é, que assim o está fazendo.

Tal é a historia de duas nações pequenas. O mundo deve muito ás nações pequenas e aos homens pequenos. Esta historia das grandes! A teoria de que se deve ser um *grande* imperio e uma *grande* nação! É um *grande* homem! Vamos lá, as pernas compridas sempre têm alguma vantagem no caso de uma retirada. Um dos antepassados do Kaiser escolhia os seus guerreiros pela altura e essa tradição perpetuou-se na Alemanha. A Alemanha applica esse ideal ás nações, e só consente que se alistem nações de 6 pés e 2 polegadas. Mas, ah! o mundo deve muito ás nações de 5 pés e 5 polegadas. A maior arte do mundo foi obra das nações pequenas; a literatura mais perduravel do mundo proveio de nações pequenas; a literatura grandiosa mais

de Inglaterra data precisamente da época em que ela era uma nação do tamanho da Belgica, combatendo contra um grande imperio. Os feitos heroicos que assombram a humanidade através de gerações têm sido os feitos das nações pequenas, lutando pela sua liberdade. Sim; e a salvação da humanidade teve lugar por intermedio de uma pequena nação. Deus escolheu as nações pequenas como taças em que ele leva os vinhos mais generosos aos labios da humanidade, para regojiso dos corações, para engrandecer a visão, para estimular e reforçar a fé, e se tivéssemos cruzado os braços impassiveis, quando duas nações pequenas estavam sendo esmagadas e destroçadas pela mão brutal do barbarismo, cobrir-nos-íamos de vergonha até á consumação dos seculos.

Teima a Alemanha em dizer que isto é um ataque de uma civilização inferior contra uma outra mais elevada. A verdade é que o ataque foi iniciado pela tal civilização, que se chama mais elevada. A Russia tem feito grandes sacrificios pela liberdade, mesmo grandes sacrificios. Lembra-se do clamor da Bulgaria que se achava dilacerada pela tirania mais insensata, que jámais se viu na Europa? Quem acudiu a esse clamor? A unica resposta da tal civilização mais elevada foi que a liberdade dos camponeses Bulgaros não valia a vida de um só granadeiro Pomeranio. Mas os rudes barbaros do Norte, como os Alemães ousam chamal-os, mandaram seus filhos aos milhares para morrer pela liberdade Bulgara. E quanto á Inglaterra? Ide á Grecia, á Holanda, Italia, Alemanha, França e em todos estes países eu vos poderia mostrar logares em que os filhos da Inglaterra morreram pela liberdade desses povos. A França igualmente tem feito sacrificios pela liberdade de outros países estranhos. Apontem-me um só país do mundo pela liberdade do qual a Prussia moderna jámais tenha sacrificado uma unica vida?! Segundo a pedra de toque da nossa fé, o grau mais elevado de civilização é a boa vontade em sacrificar-se pelos outros.

Não serei eu quem diga uma unica palavra em desabono do povo Alemão. E' um grande povo dotado de grandes qualidades de cabeça, mãos e coração. Creio que apesar dos recentes acontecimentos, o camponês alemão ainda tem uma dóse de afabilidade em nada inferior á de qualquer outro camponez do mundo; mas acha-se imbuído de uma falsa ideia de civilização,

habil, mas dura, egoista, em suma uma civilização material. Não compreendem a acção da Inglaterra no actual momento, e assim o proclamam. Dizem por exemplo: «Compreendemos a França, busca vingar-se; quer o territorio da Alsacia e Lorena.» Dizem ainda que compreendem a Russia; combate pelo poderío. Compreendem que se combata pela cubiça de territorio; mas não compreendem que um grande imperio hipoteque os seus recursos, o seu poder, as vidas de seus filhos, a sua propria existencia para proteger uma nação pequena, que pretende defender-se. Deus fez o homem á sua imagem com o elevado fito na região do espirito; a civilização germanica recreal-o-ía á imagem de um motor Diesel — preciso, exacto, poderoso, mas sem logar para as funções da alma.

Já leram os seus discursos? Estão cheios do fraseado bombastico e luminoso do militarismo Germanico: «punho armado», «armadura brilhante». Pobre «punho armado»! está já com os dedos um tanto pisados. Pobre «armadura brilhante»! Está ficando embaciada. Este é o seu credo. Tratados? Só servem para embaraçar o movimento dos pés da Alemanha no seu avanço. Córtem-se com a espada. Nações pequenas! Só servem para deter o avanço da Alemanha e portanto esmaguem-se na lama sob o tacão Germanico. O Eslavo Russo desafia a supremacia da Alemanha e da Europa? Arrojem-se legiões contra ele e massacrem-no. A Inglaterra representa a ameaça constante do predomínio mundial da Alemanha? Arranquem-lhe o tridente da mão! Cristianismo? E' um sentimentalismo enfermo, acêrca do sacrificio por outros, alimento muito infantil para a digestão alemã. Precisa-se de novo regimen. Impôl-o-emos ao mundo. Será «made in Germany». Regimen de sangue e ferro. O que resta? Os tratados foram-se. A honra das nações foi-se. A liberdade foi-se. Que resta? A Alemanha! Resta a Alemanha! «Deutschland über Alles».

E' isto o que estamos combatendo, essa pretensão ao predomínio de uma civilização dura e material, civilização que se um dia fôr lei no mundo, adeus liberdade, adeus democracia e aí da humanidade, se a Inglaterra e seus filhos não correm em seu auxilio.

Têm acompanhado o Junker Prussiano e os seus feitos? Nós não estamos combatendo contra o povo Alemão. O povo alemão acha-se debaixo do calcanhar desta casta militar, e quando

ela fôr despedaçada grande será o regosijo nesse dia para o camponez, o artista e o negociante Alemão. Conhecem as suas pretensões. Imaginam que basta dizer «Temos pressa». Essa foi a resposta dada á Belgica «A rapidez de movimentos constitue o activo mais importante da Alemanha» — o que quer dizer: «Arreda! que estou com pressa». As pequenas nacionalidades que se encontrem no caminho sejam arrojadas, feridas e alquebradas para a beira da estrada. As mulheres e creanças sejam esmagadas sob as rodas do seu cruel carro e a Inglaterra intimada a sair do caminho. Eu só digo isto: se o velho espirito Britanico ainda existe no coração Britanico, estou certo que aquele condutor brutal será arrancado da almofada do carro. Se ele vencesse, seria a maior catástrofe, que poderia acontecer á democracia.

Julgam que os não poderemos bater. Não será facil. Será demorado, será uma guerra terrivel, mas por fim marcharemos do terror ao triunfo. Necessitaremos de todas as nossas qualidades — todas as qualidades que a Inglaterra e seu povo possuem — prudencia nas deliberações, audacia nos actos, tenacidade de proposito, coragem nos revezes, moderação na vitória e confiança em todas as coisas.

Deu-lhes para acreditar e apregoar a lenda de que somos um país decadente e degenerado. Apregoam ao mundo pelos seus professores que somos uma nação anti-heroica, que se esconde por detraz dos balcões de mogno e que mete outras raças mais intrepidas no caminho da destruição. Eis como nos descrevem em Alemanha: «Uma nação timorata e cobarde que descança na sua esquadra». Creio que a estas horas já se vão desiludindo do seu engano, ao verem que meio milhão de jovens inglêses registraram a promessa ao seu rei de que atravessariam os mares e devolveriam aos seus perpetadores, nos campos de batalha da França e Alemanha, esse insulto á coragem Britanica. Precisamos de mais meio milhão de combatentes e ele não nos ha de faltar.

Invejo-vos a oportunidade, mancebos! E' uma grande oportunidade, uma oportunidade que só é dada ao homem uma vez em muitos seculos. Para a maior parte das gerações o sacrificio vem sempre em forma de uma monotonia e cansaço de espirito. Hoje chega-vos a vez e chega-nos a todos na forma do ardor e fremito de um grande movimento pela liberdade, que im-

pele milhões de homens em toda a Europa para o mesmo fim. E' uma grande guerra para emancipar esta do jugo de uma casta militar, que lançou as suas sombras sobre duas gerações de homens e está mergulhando o mundo actual em um oceano de sangue e morte. Alguns já deram as suas vidas. Outros deram mais do que as proprias vidas: deram as vidas dos que lhes eram caros. Honra á sua coragem e que Deus lhes dispense conforto e resistencia. Mas a recompensa está a chegar, porque os que cáíram morreram consagrados. Tomaram parte na criação de uma nova Europa ou mesmo de um novo mundo.

Por entre os fogos do campo da batalha já estou vendo os sinais do seu surgimento.

Os povos de todos os países lucrarão mais com esta luta do que actualmente podem supôr. E' verdade que ficarão livres da maior ameaça á sua liberdade, mas isto não é tudo. Ha alguma coisa infinitamente mais elevada e duradoura, que vem já surgindo deste grande conflito, um novo patriotismo, mais precioso, mais nobre e mais exaltado do que o velho. Diviso entre todas as classes, altas e baixas, despojando-se do seu egoismo, o reconhecimento de que a honra da patria não depende apenas do campo da batalha para a manutenção da sua gloria, mas tambem da protecção dos seus lares contra a miseria. Uma nova perspectiva se vai apresentando a todas as classes. A grande onda de luxuria e indolencia, que havia submergido o país, subverte-se e uma nova terra vem aparecendo. Podemos vêr pela primeira vez as coisas fundamentais, que importam na vida, e que tem sido obscurecidas na nossa visão pelo desenvolvimento da prosperidade.

Querem que lhes diga em forma de uma simples parabola o que eu entendo estar fazendo a guerra?

Conheço um vale no país de Galles, entre as montanhas e o mar. E' um formoso vale, aconchegado, confortavel, abrigado pelas montanhas dos ventos penetrantes. E' porém muito enervante e lembro-me que os rapazes tinham o costume de subir até ao cume das alturas, que o circundam, para disfructarem as vistas, que os encantavam, e serem avigorados e estimulados pelas brisas, que de longe alí iam quebrar-se. Pois ha já algumas gerações que tambem nós estamos vivendo em um vale sequestrado. Temos vivido com muito conforto e indulgencia, temos sido talvez egoistas em demasia, e a severa mão do

destino impeliu-nos a uma elevação donde podemos divisar as eternas coisas que valem em uma nação, os grandes pincares das montanhas, que havíamos olvidado, da honra, dever e patriotismo. Havemos de novamente regressar aos vales, mas enquanto os homens e mulheres desta geração durarem, levarão impressa em seus corações a imagem daqueles grandes pincares das montanhas, cujas fundações são inabaláveis, embora a Europa trema, oscile com as convulsões de uma grande guerra. (*Aplausos entusiásticos e prolongados*).



X e Y

(Cartas sobre a cavalaria)

Ao dar a publico a nossa desenfadada correspondencia epistolar, sujeito-me ás imposições da sua desmedida modestia :

— guardo o mais completo incognito sobre os nossos nomes e — pela parte que directamente lhe respeita —

— desfiguro a prosa das suas teses e argumentos de modo tal que o estilo inconfundivel do meu amigo não possa servir de denuncia á sua nascente, mas já robusta personalidade litterario-militar.

Faça-se, neste ponto, a sua vontade, contra a minha. . .

Sem mais preambulo remeto-me ao assunto.

*

* * *

Na sua carta, que vou transcrever na essencia, abordou o meu camarada duas questões, sobre as quais deseja conhecer a minha opinião :

I.—Se erraria quem chamasse *Ordem de retirada*, áquella que se dá regulando um movimento retrogrado ;

II.—Se as trez missões de que a cavalaria póde ser encarregada em campanha, as encontro eu bem caracterisadas, com as designações que lhes assinalam os n.^{os} 89, 104 e 111 — entre outros — do R. C. de 1904.

Como respeito á primeira, o seu argumentar estriba-se nos dizeres do n.^o 53 do citado R., que preceitua :

“O titulo das ordens de operações indicará a natureza da operação e a data em que deverá ser executada”.

Por mais biantino que se afigure o nosso discutir, bom é que nos entendamos duma vez e para sempre:

A toda a casta de Ordens que o nosso R. C. e as I. C. C. preveem (de *descoberta*, de *exploração*, de *marcha*, de *guarda avançada*, de *estacionamento*, de *postos avançados* e de *combate*) bom será não acrescentar mais essas outras, que, alguns falsos panegiristas de Griepenkerl, procuram fazer admitir:

— *para a ocupação de posição*

— *preparatoria de combate*

— *de retirada*, etc., etc.

Se são trez, em ultima analyse, as atitudes em que podemos encontrar-nos — *marcha*, *estacionamento* e *combate* — para que complicar, sem necessidade, o que de sua natureza é simples?

Já que o R. C. nos não deixa designar as ordens de operações pelo termo guerreiro

Ordem

para tantos

sem mesmo empregar o restritivo *á divisão*, *á brigada*, ao *des-tacamento* . . . não agravemos o mal, acrescentando, escusadamente, a já vasta terminologia regulamentar.

Ordem de retirada, para que?

Em respeito pelo nosso R. C. chamemos-lhe apenas *Ordem de marcha*, visto que — quando á direção, o que nos interesse — ela tanto póde ser *para o inimigo*, como *de flanco* ou de *retirada*.

E em que se distingue a redação das *Ordens de marcha* avançando ou retirando?

Nisto apenas: no texto e no art. III, das de retirada, dão-se as *Disposições* pela sucessão inversa á das marchas *para o inimigo*, principiando pelas respeitantes aos trens regimentaes; isto é, e para me não alongar, como se a colúna avançando, fizesse meia volta;

Na *Distribuição das tropas* procede-se dum modo semelhante, atendendo que a guarda avançada agora (primitiva guarda da retaguarda) deverá, em regra, reforçar-se com a maior parte da engenharia e, raras vezes, em cavalaria e artilharia de que disponhamos, arma esta ultima que, em raras exceções, entra

em forte proporção na guarda da retaguarda, que é—se retrogradamos—o mais importante destacamento de proteção.

Por incidente, deixe-me dizer-lhe o motivo porque lhe chamaria apenas

Ordem

a) Porque para se conhecer a sua dependencia da unidade superior, lá estavam no alto da pagina e á esquerda, os dizeres:

Exercito Portuguez	Divisão	Regimento
tal Gr. Divisões	tal Brigada (destacamento)	tal batalhão

b) Para se saber a natureza da operação a executar e até mesmo, em regra, o *fim* a attingir (quando este não devesse ficar secreto) o art. II da propria Ordem o declara.

c) Para se encontrar a composição da unidade a que era dirigida, no texto da Ordem ou na margem esquerda, lê-se a distribuição completa das tropas; finalmente,

d) Para se saber quem a houvesse dado, encontraríamos—antes da assinatura e do posto—o *cargo* de quem a subscreve.

O comandante da divisão (da cavalaria de descoberta, da guarda avançada. . . .)

F. . .
(Posto)

As *Ordens especiais* e de *serviço* são inconfundiveis com as de operações e não pódem originar equívocos.

Isto porém, são alvitres que só aos competentes cumpre sancionar ou regeitar.

Lembreino-nos que a pratica já fez com que no art. IV, em vez de *Local para onde devem ser dirigidas as comunicações* hoje se diga, mui simplesmente, *Local do comando* ou só *Comando*, como sempre se escrevera apenas: *Situação—Fim—Disposições*.

Tratamos agora do segundo ponto do questionario, de certo o mais interessante.

*

*

*

Diz o meu camarada e é verdade: que o R. C. de 904 divide a cavalaria em trez escalões ou linhas — *descoberta*, *segurança* e *proteção* — correspondendo ás trez missões distintas que a nossa arma póde ser chamada a desempenhar.

Acha, comtudo, que, se o termo *descoberta* se ajusta perfeitamente, porque é essa a principal função da cavalaria em 1.^a linha, outro tanto não sucede com o termo *segurança*, que não consubstancia e vagamente expressa o *fim* da cavalaria em 2.^a linha, tanto mais, que a segurança de qualquer colúna a mantem tambem os 1.^o e 3.^o escalões — a *descoberta* e a *proteção*.

Por ultimo, o termo *proteção* afigura-se ao meu estudioso camarada, menos sugestivo, do que o de *cavalaria da guarda avançada*, que o R. P. C. de 1890 lhe assinalava.

Assim, em seu entender, as trez linhas ficavam melhor classificadas pelas designações de: *cavalaria descoberta de exploração* e de *guarda avançada*.

Para fazer admitir a sua classificação e sancionar o seu criterio, recorda o R. P. C. de 90.

Diz o meu camarada que ele constituia dois escalões de cavalaria: o de *exploração* e o de *guarda avançada*, se bem que subdividissem o primeiro em duas linhas. Mais afirma, que, se as mencionadas subdivisões não satisfaziam por incaracterísticas, por igual ficam insuficientes as preconizadas pelo R. C. de 904.

Permita-me que discorde e vou fazer a tentativa de justificar *porque*.

Principiarei pela análise do R. P. C. de 90, que o meu caro camarada conhece, graças á sua paixão de investigador, mas que eu estudei pela dupla necessidade: de satisfazer aos meus deveres de subalterno, que então era, e pelo muito amor que sempre consagrei á nossa querida arma.

*

*

*

Ao complexo serviço da cavalaria em campanha, o R. de 90, dava a designação generica de *exploração* e confiava-o a dois grandes escalões : ás *brigadas de Corpo de exercito* e á *cavalaria divisionaria*. «Aquela (quando o inimigo estava longe) em 1.^a linha tratava de obter *noticias do inimigo*, a cavalaria divisionaria, em 2.^a linha, *do terreno* (n.º 187).

A' cavalaria divisionaria era confiado um duplo mister (n.º 267):

— *a exploração na proximidade das colúnas* (mantida por frações «juntas a cada um dos elementos de *proteção*, as quais constituam a cavalaria da guarda avançada, dos flanqueadores ou da guarda da retaguarda»); e

— *a exploração a distancia* («feita pela cavalaria que ficar disponivel depois de satisfazer ás necessidades da exploração proxima e executar-se como está indicado no Titulo III»).

Ora o Titulo III e no n.º 187, já citado e transcrito, dava a divisão basilar da cavalaria nos dois grandes escalões já referidos tambem.

Como confirmação concreta do que levo dito, encontra-se no n.º 311 a formação normal duma Divisão, marchando *para o inimigo* e numa só colúna:

«1.º — **Exploração a distancia** : A *cavalaria divisionaria*, menos um pelotão, em serviço de exploração, conforme as circunstancias e a proximidade do inimigo.

«2.º — *Cavalaria da guarda avançada*, um pelotão»; e mais claro ainda, no n.º 312: «Formação normal de uma divisão marchando em uma só colúna *conjuntamente com os elementos especiais de um Corpo de exercito* :

«1.º — *Exploração a distancia* : A brigada de cavalaria do Corpo do exercito e a cavalaria da divisão menos um pelotão, *separada* ou *em combinação* com a primeira, em em serviço de exploração.

«2.º — *Cavalaria da g. avançada* : Um pelotão».

Finalmente, n.º 314, «formação normal da brigada mixta, composta de 2 esquadrões, 6 batalhões e 2 baterias, marchando numa só colúna:

«1.º — *Exploração a distancia* : Os 2 esquadrões, menos um pelotão, em serviço de exploração a distancia.

2.º — *Cavalaria da guarda avançada* : um pelotão».

Cuido que por estas simples transcrições se vê, que o R. P. C. de 90, admitia a existencia das trez linhas de cavalaria:

— *de exploração a grande distancia* : (quando muito afastada e em zona em que operasse uma brigada de cavalaria de Corpo de exercito) exercida por esta, brigada *a cavalaria de descoberta* ou *independente*, como tambem lhes chamavam;

— a *exploração a distancia*, exercida pela quasi totalidade da cavalaria divisionaria;

— a *exploração junto á colúna* — desempenhada pelo pelotão da cavalaria divisionaria agregado á guarda avançada, aos flaqueadores (actual guarda de flanco) ou á guarda da retaguarda, constituindo o que, genericamente, o proprio R. P. C. de 90 chamava — *proteção das colúnas* (n.º 266).

Quer pela *dependencia* que se lhes marcava (n.º 187) quer pela *distancia* a que antecediam as colúnas da infantaria (n.º 189) se confirma a mesma ordem de ideias, que o R. C. de 904 aceitou e definiu, cuidando, com mais clareza. E repare o meu jovem camarada; a propria *combinação* da brigada de Corpo de exercito, com a cavalaria divisionaria, que o n.º 312 do R. P. C. de 90 (atrás transcrito) especifica, essa mesma a sancionam as disposições dos n.ºs 90 e 105 do R. C. 904.

*

* *

Propõe o meu camarada que a cavalaria — pelo R. C. de 904 — chamada de *segurança*, passe a denominar-se, á falta de melhor, de *exploração*, visto que para a segurança geral concorrem tambem, em seu entender, a de *descoberta* e a de *proteção*.

Perdõe-me que discorde:

Em 1.º lugar, porque sou, por inteiro, contrario a qualquer alteração de tecnologia, que uma função nova não justifique, ou que uma marcada vantagem de simplicidade e claresa não sancione;

em 2.º, porque á face do proprio R. C. de 904 os diversos escalões de *descoberta* não são responsaveis pela *segurança* do

escalão que o segue (n.º 97) o que me parece condenar o seu proposito generalizador;

em 3.º, porque argumentando como o meu camarada o fez e por melhoria de razão, se a *descoberta* pode não concorrer *diretamente* para a *segurança* das tropas á retaguarda, o que incontestavelmente succede é que *exploração* — afastada, proxima ou immediata — a fazem as trez linhas ou escalões de cavalaria, ainda que com intuitos e, sobre tudo, com processo diferentes.

Deixemos, pois, ficar a designação de *cavalaria de segurança*, que é *uma*, já admitida e melhor do que aquella que propõe.

*

* *

Finalmente, menos ainda concordo com o seu qualificativo de cavalaria de *guarda avançada*, para designar as fracções encarregadas da exploração immediata da colúna.

Conservemos o termo *cavalaria de proteção* que é bem mais geral e acomodado ao *fim*, porque serve para qualquer das marchas: *para o inimigo, de flanco, ou de retirada*.

Aqui tem o meu jovem e estudioso amigo, o que se me oferece dizer-lhe a proposito da sua, para mim, envaidecedora consulta.

Y...



Serviços administrativos em campanha NO SUL D'ANGOLA

Ao vermos partir em expedição ao Ultramar os oficiais do nosso quadro, completamente desconhecedores do terreno que vão pisar, da missão que lhes vai ser cometida, e dos meios que serão postos ao seu alcance para a desempenhar, ficamos a imaginar quanta bôa vontade, iniciativa e capacidade de assimilação hão-de ser precisas a esses nossos camaradas para que o serviço não sofra com a sua inexperiencia, e o Estado não perca com a sua nova aprendizagem.

Tudo quanto se aprendeu na Escola de Guerra tem de ser posto de reserva, inclusivé o que se decorou a respeito das viaturas Lefebre, tão preconizadas para os transportes nas colonias, mas que, afinal de contas, não andam nas carreteiras do Sul d'Angola.

Se na Metropole é possível dotar cada companhia de infantaria com uma cosinha rolante, cada batalhão com um trem regimental, cada divisão com uma colúna de viveres e uma padaria de campanha; se na Europa podemos utilizar caminhos de ferro até relativamente proximo das tropas em operações e estradas madacamisadas nas quais deslisem os camions-automoveis com abastecimentos de toda a especie, no Ultramar temos de subordinar-nos aos meios de transporte que pôdem transitar nas suas estradas primitivas e caminhos dificeis.

Nas colonias, a exploração local tem de ser posta de parte se queremos cumprir o que, a seu respeito, determinam as Instruções para o Serviço de Subsistencias do Regulamento de Campanha. Na melhor das hipoteses, pôde encontrar-se lenha e capim para gado á mercê de quem os quer apanhar, e gado para abater que as mais das vêses só pôde ser adquirido por meio de permuta com o gentio.

Em Angola, além da alimentação dos europeus e dos solípedes, temos a das praças indígenas cuja composição é muito diferente da dos nossos soldados da Metropole.

Portanto, muito lucrariam os futuros oficiais do serviço de administração militar se na Escola de Guerra lhes ministrassem as precisas noções sobre serviços administrativos nas Colonias, e o Estado tudo teria a lucrar.

Deixamos aqui estas considerações e este alvitre e passamos ao verdadeiro assunto deste artigo.

Transportes

Na Provincia de Angola, os principais meios de transporte empregados são; ao norte o *carregador*; ao sul o *carro boer*.

O indígena que se presta a ser carregador conduz, mesmo a grandes distancias, 30 kilog. de carga. Encontra-se principalmente nos distritos do Congo, Lunda e Loanda.

Nos distritos de Benguela, Huila e Mosamedes adopta-se mais uzualmente o carro boer.

Enorme e resistente, o carro boer compõe-se de uma caixa ou leito assente sobre dois jogos de rodas, sendo as do jogo dianteiro de menor diametro a fim de facilitar as voltas.

Na tracção dum destes carros empregam-se normalmente, 10 a 11 juntas de bois, sendo a do tronco atrelada por meio do jugo a um grosso madeiro servindo de lança, e as restantes a uma comprida corrente de ferro no prolongamento da lança.

O carro boer pode transportar, em terreno favoravel, 200 arrobas, andando 20 quilometros por dia, porém, em mau caminho e serviço aturado, não deve carregar mais de 150 arrobas para se obter aquele andamento e não fatigar o gado.

Em plena época das chuvas e por maus caminhos, percorremos, com carros boers carregados, 525 quilometros em 45 dias.

Para que dos carros boers se tire o maior proveito, é indispensavel que os carreiros tenham bastante prática e conheçam o gado de tracção, e bem assim, que bons pastores o vigiem nas horas de pastagem e descanso.

No Sul d'Angola, já hoje se encontram muitos portugueses e naturais da colonia que nada ficam a dever aos habitantes de origem boer na condução de tais viaturas.

O carro boër pode servir para o transporte mixto de carga e pessoal, armando-se um toldo em arcos sobre o leito, e suspendendo-se, destes, dois catres colocados no sentido do cumprimento, um a seguir ao outro.

Alongamo-nos a respeito deste carro, porque ele ha de ser o grande auxiliar do serviço de abastecimento das nossas tropas em operações no Sul d'Angola. Parecendo que não, o carro boër vai a toda a parte; sobe montanhas de areia, rompe florestas cujas arvores são abatidas a machado, atravessa rios, a vau ou transformando-se em barcaça envolta no proprio toldo.

Vias de comunicação

Não é sem um certo espanto que vimos ser feito convite a chauffeurs para servirem no Sul d'Angola, pois estavam convencidos de que os camions-automoveis não poderiam sair das poucas estradas do planalto. Se estas viaturas podem ser empregadas no serviço de reabastecimento, não ha dúvida que muito simplificado e barateado será o serviço de transportes; no entanto duvidamos de que possam arrostar com as estradas de Angola.

A não ser que as circunstancias aconselhem o aproveitamento do caminho de ferro do Lobito, bem distante do distrito de Huila, as nossas tropas só podem utilizar o caminho de ferro que de Mossamedes se dirige a Vila Arriaga, na vertente da Serra da Chela, com uma extensão de 167 quilometros, a bitola de 0^m,6, e a velocidade normal de 15^{quil.} á hora. Da Vila Arriaga á séde do distrito de Huila ainda ha uns 80 quilometros de estrada carreteira, galgando a Chela e alcançando a Vila de Sá da Bandeira. Depois, os 300 quilometros até ao Humbe, ou os 800 quilometros até ao Cuangar, não teem a vencel-os mais que trilhos de carros boërs, mais ou menos pronunciados, cheios de pedras ou tóros de arvores cortadas, e que de longe em longe, dão ideia de estradas.

E' por tal caminho de ferro e tais estradas que os abastecimentos hão de ser enviados ás nossas tropas, demorando dias e dias e descansando em varios depositos.

Serviço de etapes

Examinando a carta de Angola, notamos que duas testas de caminhos de ferro, podem ser utilizadas para reabastecimento das nossas tropas: Lobito e Mossamedes. Do Lobito parte o caminho de ferro de Benguela, que não seria desvantajoso aproveitar até ao Huambo para as tropas que tivessem de operar no Baixo Cubango, ou para enviar abastecimentos ao Lubango pela estrada de Caconda. Mossamedes é o porto mais proximo e o que deve ser mais utilizado, para as tropas que operam a oeste do Cunéne, principalmente. Na Vila de Sá da Bandeira deve ter sido instalado o grande deposito de subsistencias e fardamento, ao qual se destinam os abastecimentos vindos do litoral e de Benguela, e obtidos no proprio distrito. Este deposito reabastecerá os depositos avançados e não poderá deixar de ser considerado o verdadeiro deposito base de etapes.

Para simplificação do serviço é, portanto, necessario dividir o serviço de etapes em 2 escalões, a saber:

1.º O deposito do porto de mar e o do terminus do caminho de ferro;

2.º O deposito da base de etapes e os depositos avançados.

O deposito de Mossamedes recebe os generos vindos da Metropole, de outras Colonias e de outros portos de Angola e satisfaz os pedidos feitos pelo deposito do Lubango, armazenando-os entretanto.

O deposito de Vila Arriaga recebe e guarda os generos até que sejam carregados com destino ao Lubango.

O deposito do Lubango deve estar abastecido de forma a poder enviar quotidianamente um dia de viveres, gado para abater e grão para solipedes para as tropas em operações e de guarnição nos postos militares do distrito.

Os depositos avançados devem estar organizados em todos os postos ao longo da linha de etapes, mas apenas com os abastecimentos para as tropas ali em serviço ou em transito.

Empregando-se carros boers na formação dos comboios de etapes, estes devem conduzir os abastecimentos directamente ás testas de etape de estrada onde devem esperar carregados até efectuarem as distribuições ás tropas.

Os carros vasioz despedem-se ou fazem-se voltar novamente á base de etapes.

Para não manter nas testas de etapes de estrada mais que dois dias de viveres e de grão para solipedes é preciso que, completos aqueles dias, diariamente parta do Lubango um comboio com um dia de viveres e de grão, e que diariamente um destes comboios chegue á testa de etapes de estrada. E' um processo que parece um tanto teorico, mas que pode conseguir-se com um pouco de boa vontade.

As demoras imprevistas nuns dias da marcha podem ser compensadas por maiores etapes nos outros dias.

Por este processo, no caso de retirada, era bastante fazer parar os comboios a um dia uns dos outros para as tropas encontrarem pelo caminho os abastecimentos de que carecessem sem precisão de fazer retirar carros carregados. E no caso de revez o inimigo a poucos abastecimentos poderia deitar a mão.

Serviço nos depositos

Cada remessa de abastecimentos enviada por um deposito deve ser acompanhada de guias em triplicado, indicando os pesos bruto e liquido dos generos e artigos, e distintas para viveres para europeus, generos para indigenas, gado para abater, grão para solipedes, etc. Destas guias, o original deve ser devolvido ao deposito remetente com o respectivo recibo, o duplicado entregue ao carreiro com a precisa verba para poder ser processada e recebida a sua importancia, e o triplicado fica a documentar a entrada no respectivo registo do destinatario.

Cada deposito de subsistencias deve possuir os livros seguintes:

a) «Livro de armazem» (m/34 do Regulamento de Mobilização) para escrituração dos generos e artigos entrados e saídos,

b) «Diario das rações» para indicação da alimentação consumida pelo pessoal do posto e em transitio;

c) «Contas correntes» e «conta de ganhos e perdas».

Os generos alimentares devem ser escriturados no «livro de armazem» com o peso liquido das guias de remessa diminuido de determinada percentagem para quebras durante o trans-

porte, e com o preço da mesma guia. As quebras devem ser lançadas na conta de ganhos e perdas.

Os carreiros devem ser responsáveis pelos generos e artigos que transportam até á sua completa entrega, descontando-se-lhes na importancia dos fretes, não só as faltas, o excesso de quebras e deterioração durante o transporte, mas ainda uma multa proporcional á importancia das faltas.

O serviço dos depositos deve ser convenientemente fiscalizado e cometido a officiais de reconhecida competencia para evitar casos como o que notámos em 1910 no deposito de Caiundo. Não encontramos lá toucinho, azeite, bacalhau e tabaco, mas havia grande quantidade de champagne, cognac, mortalhas, queijos, frutas em calda, etc. De escrituração nem uma letra. O deposito central do Lubango desconhecia o que tinha enviado aos depositos sucursais.

Finda a campanha devem ser imediatamente extintos todos os depositos e a forma mais pratica de o fazer consiste:

a) relacionar os generos e artigos existentes em bom estado e passa-los á unidade ou destacamento que estiver no posto onde o deposito tiver sido instalado;

b) lavrar um auto de incapacidade dos generos e artigos que não estiverem em condições de ser distribuidos, inutilisa-los e abate-los ao respectivo registo lançando a sua importancia na conta de ganhos e perdas.

Serviço de 1.ª linha — Officiais provisores

Não compreendemos a razão porque cada bateria ou esquadrão vai para Angola com um provisor, contra o que dispõe a 1.ª Parte do Regulamento de Mobilização e sem que o serviço o exija, pelo menos aparentemente.

Provavelmente os officiais provisores vão ser encarregados de desempenhar serviços diferentes dos que lhes competem pelo Regulamento de Campanha, incluindo as funções de tesoureiro do conselho eventual da unidade inferior, para efeito, principalmente, de vencimentos.

A principal missão do provisor é obter generos e distribui-los ás unidades inferiores do seu batalhão, grupo ou formação, e não pode desempenha-la sem que tenha á sua disposição um trem de viveres. Sendo quasi nula a exploração local em An-

gola e não podendo cada bateria ou esquadrão ter um trem de viveres privativo, o oficial provisor está ali deslocado.

Em Africa ha de ser mais pratico o sistema inglês em que os provisores fazem parte do trem divisionario.

Com efeito, sendo possivel apenas fazer seguir as tropas de um comboio de viveres (de carros boers ou de carregadores) do qual as companhias, esquadrões ou baterias devem receber os generos, era bastante um oficial provisor (ou distribuidor) por cada 4 companhias, esquadrões ou baterias.

Alem destes officiais, o comboio de viveres deve ter mais um official como comandante ou chefe, e outro para o rebanho de abastecimento.

Assim organizado o trem de viveres, era sufficiente para o seu comandante e para o official de rebanho um livro de armazem e para cada official provisor (official do trem) um diario das rações distribuidas.

Não seria tambem demasiado dotar cada companhia, esquadrão ou bateria com alguns carregadores indigenas, para transportar os generos do trem de viveres ás respectivas unidades inferiores.

Subsistencias

A alimentação das tropas em Africa baseia-se na distribuição das rações seguintes:

- Ração normal de viveres, para europeus;
- Ração de viveres de reserva, para europeus;
- Ração de generos para indigenas;
- Ração de forragens para solípedes.

O gado para abater encontra pastagem por toda a parte. Folheiem-se os relatorios de campanhas coloniais e neles se encontrarão rações para europeus compostas com muito maior quantidade de massas alimenticias e legumes secos que as mencionadas nas tabelas 8 e 15 das Instruções para o Serviço de Subsistencias do Regulamento de Campanha. Em Africa, sobre tudo, é preciso comer bem e bastante. As horas das refeições devem subordinar-se tambem á existencia de agua e de lenha que, as mais das vezes, não se encontram em quantidade sufficiente.

A ração de viveres para europeus deve ser adicionada de 10 gramas de tabaco, diariamente, uma caixa de fosforos e 300 gramas de sabão de 10 em 10 dias, pois fazem falta aos homens e não se encontram á venda no interior de Angola.

Quanto á ração de viveres de reserva, é em Africa, mais do que na Europa, que o seu emprego se torna de uma utilidade enorme. Quem viaja pelo sertão negro não pode deixar de valer-se das conservas se não quer morrer de fome, porque o seu transporte e conservação são faceis, o que não acontece aos generos da alimentação vulgar.

A ração de viveres de reserva de fabrico da Manutenção Militar é composta de forma a prestar grandes serviços ás tropas expedicionarias.

Não esqueçamos que o transporte de 15 quil. de carga em carro boer custa á razão de \$50 centavos por cada 100 quilometros e que cada uma destas viaturas não se aluga por menos de 4\$50 diarios.

A ração do soldado preto indigena compõe-se normalmente do seguinte:

1.^a refeição:

Aguardente	0 ^l ,005
----------------------	---------------------

2.^a ou 3.^a refeição:

Farinha de milho	0 ^k ,500
Peixe seco	0 ^k ,120
Azeite de palma	0 ^k ,030
Sal.	0 ^k ,010

A farinha de milho pode ser substituida por feijão e arroz e o peixe seco por carne.

Das rezes abatidas devem ser distribuidas, aos indigenas, a cabeça, o sangue, as visceras e as tripas, que eles recebem muito bem.

Para alimentação dos solipedes deve contar-se com o capim que se encontra nas chanas do Sul d'Angola, porem, na epoca propria deve impedir-se que lhe lancem o fogo. A queima

do capim deve ser feita por partes, a fim de deixar nascer o capim novo, conservando do velho o preciso.

Direcção — Contabilidade e fiscalização

A direcção e fiscalização superior dos serviços administrativos deve estar a cargo de um oficial superior do serviço de administração militar, delegado do comandante superior e que deve conservar-se onde a sua presença seja mais necessaria.

Tecnicamente deve ter subordinados os chefes dos serviços de subsistencia, os chefes de depositos de subsistencias, o chefe dos serviços de transportes e o chefe da repartição de contabilidade e fiscalização.

Embora vá de encontro ao Regulamento de Campanha, não há duvida de que na 1.^a linha não deve haver a 2.^a secção da repartição dos serviços administrativos, e o chefe desta repartição deve ter a seu cargo apenas o serviço de subsistencias.

Todos os documentos de despesa devem ser remetidos para a retaguarda onde deve funcionar uma repartição de contabilidade e fiscalização a qual não deve dissolver-se sem que estejam liquidadas todas as contas das expedições.

Eis o que, o mais resumidamente que pudemos, se nos offereceu dizer sobre tudo o que se prende com os serviços administrativos em campanha no Ultramar e que colhemos da experiencia durante 15 meses em serviço no Sul d'Angola.

RIBEIRO DA COSTA

Ten. do serv. de administr. militar



CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Os famosos morteiros alemães de 42 cm. — Ainda não foram trazidos á publicidade os dados positivos sobre essa peça. Poder-se-ha talvez fazer uma ideia aproximada da eficacia do morteiro de 42 cm, aceitando-se a hipótese de que as peças da casa Krupp são construidas *semelhantemente*. Para os pesados canhões de marinha esta semelhança é matematica, isto é, todas as dimensões crescem proporcionalmente ao calibre. Partindo dessa hipótese para as peças de tiro mergulhante, todas as dimensões do morteiro de 42 cm serão 1,5 vezes maiores do que as do obuz de 28 cm, e todos os pesos 3,375 vezes maiores. Assim a granada de 28 cm, pesando 340 kg, a de 42 deve pesar cerca de 1.100 kg. Pelo que diz a imprensa diaria esse peso tem oscilado entre 700 a 1.000 kg. Tomando o pêso de 1.000 kg. e a velocidade inicial maxima de 340 m, a energia do projétil ao deixar a boca da arma é de 5.900 toneladas metricas.

A granada-mina Krupp contem de 10 a 20 %, do seu peso em carga de arrebentamento, ou sejam, para o caso 100 a 200 kg de explosivo de alto potencial.

O alcance maximo é de cerca de 15kg.

O «Lebell's Jchresherichte» dá para o morteiro de 42 cm. construido pela casa Skoda, em Pilsen, e em experiencias desde 1913, um alcance de 14 kl. Só o cano do morteiro de 42 cm deve pesar cerca de 20.000 kl!

O transporte de tal peso pelas estradas só é possivel com o emprego de tractores automoveis; a tração animal é absolutamente impossivel. Além disso a peça deve ser provida de largas cintas de rodas para obstar que elas se entrem e tornar possivel o tiro sem grandes preparativos.

A carga de projecção maxima deve andar por cerca de 40 kl.

Póde ser que o que acaba de ser dito não corresponda bem á verdade, pois são apenas as condições do obuz de 28 cm adaptadas ao morteiro de 42 cm.

O novo canhão de campanha. — Ha varios anos que a Alemanha procura um modelo do canhão de campanha capaz de substituir com vantagem o actual, parecendo afinal que o conseguiu.

O imperador Guilherme presenciou recentemente, no campo de tiro de Kumnesdorf, as provas de um novo canhão, as quais foram completamente satisfatórias.

O que se conhece desta peça presentemente é o dispendio que acarreta a sua adopção, pois que só os canhões custam mais de 50 milhões de

marcos e as munições de que necessariamente precisa o novo modelo, produz um gasto de 250 milhões mais.

Uma vez começado o fabrico, considera-se indispensavel um praso de 18 mezes, pelo menos, antes que o ultimo canhão possa estar em serviço.

Argentina

Escola de aviação militar. — Com o material e elementos proporcionados pelo Aero club argentino foi organizada uma escola de aviação militar que está destinada a tomar grande desenvolvimento.

Os officiais que desejem entrar nesta escola teem que tomar parte em um curso preparatorio no Aero Club.

O Ministerio da Guerra está trabalhando activamente na redacção dos regulamentos por onde se ha-de de dirigir o ensino neste novo centro de instrução.

Austria-Hungria

Artilharia pesada. — Nos ultimos anos, tanto na Austria como na Alemanha, ligou-se grande atenção ao aperfeiçoamento desta especie de artilharia, da qual as peças mais modernas consistem no obuz de 13 cm e nos morteiros de 24 e 30,5 cm.

O obuz de 15 cm é do Md. 99/03, figurando em numero de 12 em cada corpo de exercito; dispara uma granada de 33 kg com carga explosiva de 6 ou 7 kl. de ceresite e uma shrapnel de peso um pouco menor, dotado de 400 balas, sendo os alcances maximos de 5.600 m para o segundo dos ditos projecteis e de 5.800 para o primeiro.

O morteiro de 24 cm, construido pela fabrica Skoda, em Pilsen, figurou já em 1900 na Exposição de Paris e foi adoptado pelo exercito austriaco em 1902, havendo-se introduzido posteriormente algumas modificações e aperfeiçoamentos.

Na actualidade os elementos destas peças constituem duas viaturas que se conduzem puxadas por um potente tractor Daimler da mesma casa.

A peça tem 2,15 de comprimento, ou sejam 9 calibres; dispara, com angulos compreendidos entre 40 e 65, uma granada de 130 kg com 20 kg de carga interior de ecrasite. A velocidade inicial maxima é de 260 m e o maximo alcance uns 7 kl.

O exercito austriaco possui tambem um morteiro de 30,5 cm Md. 1911.

A referida peça tem um sector de 45 a 75° e dispara um projectil de 300 kg com carga explosiva de 30 kg, sendo o alcance maximo de 3.500 a 10.000 m.

Referindo-se a esta peça, diz a *Revista di artiglieria e genio* no seu numero de novembro ultimo, que em experiencias recentes contra uma obra de cimento armado de 18 metros de frente, por 9 de fundo 1, a 8.000 m., de 151 projecteis disparados, 90 derão no alvo, dos quais 21 atravessaram uma espessura de formigão de 1m,50 e uma cupula de 15 cm.

Nos principios de 1913 a imprensa austriaca falou de experiencias com um morteiro de 42 cm, cujo projectil, de cerca de 1.000 kg, tinha um alcance maximo de 14 kl, mas depois não se tornou a falar deste assunto, ao qual aludia o general Rohne.

Bulgaria

Escola para oficiais de reserva. — A escola de Kuíajevo, destinada a formar oficiais de reserva para infantaria e artilharia, está já completamente organizada. E' dirigida por um tenente-coronel do Estado Maior, auxiliado por 16 capitães e 1 medico.

Os alunos são escolhidos entre os recrutas que possuem um certo grau de instrução e servem todo o tempo regulamentar; os que não satisfizerem a estas condições só pódem ingressar mediante um exame.

Os alunos de infantaria formam 2 ou 3 companhias; os de artilharia de campanha uma de artilharia de praça. Os cursos começam a 25 de setembro e duram 11 mezes, 7 dos quais são dedicados á instrução teorica e 4 á pratica.

No final do curso efectuam-se uns exames, e do seu resultado os alunos são classificados em três categorias e enviados para os regimentos afim de concluir neles o tempo legal de serviço (2 anos na infantaria e 3 na artilharia).

Os alunos da primeira categoria, que são aprovados no exame, fazem o tempo de serviço como candidatos a oficial, e são promovidos a 2.^{or} tenentes ao passar á reserva; os da 2.^a categoria, que são os que obtiverem no exame a nota «sufrível» são nomeados candidatos a oficiais quando passarem á reserva e só pódem ser oficiais depois de sujeitos a um periodo de instrução de 2 mezes e, por ultimo os de 3.^a categoria, ou sejam os não aprovados, terminam o tempo de serviço como simples soldados.

Reorganização das tropas tecnicas. — Até agora havia 3 batalhões de engenharia a 6 companhias, formando 18 batalhões em caso de mobilização.

Por um decreto recente haverá de futuro, desde o tempo de paz, 10 batalhões, com 2 companhias cada um, e uma companhia tecnica, formada pela reunião duma companhia de ponteneiros, e meia de telegrafistas.

O batalhão de caminhos de ferro, que dantes tinha 5 companhias, passará a ter 6, das quais 3 de construção de caminhos de ferro e 3 de exploração, mais um parque tecnico, ao qual estão agregados uma secção de dirigiveis e outra de aeroplanos. O batalhão de telegrafistas terá 3 companhias em vez de 4.

A secção de radiotelegrafia, actualmente existente, é transformada em companhia radiotelegrafica.

O de ponteneiros ficará constituído com 2 companhias.

China

Aviação militar. — O governo aproveita todas as ocasiões para fomentar a aviação militar. Até agora as companhias de aerostação possuíam 5 biplanos e nas escolas de aviação militar receberam instrução 28 oficiais.

Além da Escola existente em Nanking, acaba de se organizar outra em Canton.

A primeira escola de aviação creada media em area 100 quilometro quadrados

Além da instrução pratica de pilotagem, ha cursos especiais sobre tactica aerea, fotografia, radiotelegrafia, lançamento de projecteis, etc.

Tropas na Mandchuria. — O governo dedica especial atenção á organização das suas tropas da Mandchuria. Nas 27^a e 28^a divisões são creadas novas unidades de metralhadoras, cujo material foi encomendado ás fabricas austriacas.

Em Mukden parece que se intenta organizar outra nova direcção. Para esta praça foram adquiridas na Alemanha 18 peças de montanha, 30 de campanha, 48 metralhadoras e 5.000 espingardas.

Tropas estrangeiras em Tian-Tsin. — Conforme as noticias publicadas pela a imprensa do Oriente, as tropas estrangeiras que se encontravam em Tian-Tsin no fim do ano passado, ascendiam aos seguintes efectivos: 27.000 japoneses, 2.300 ingleses, 1.900 alemães, 1.800 francêses, 1.700 russos, 1.700 americanos, 900 italianos, 700 austriacos, 300 belgas e 390 dos restantes países.

Dinamarca

Organização dos corpos de voluntarios. — Foram organizados por meio de subvenções, corpos de voluntarios (*privillige korps*), que em caso de guerra reforçarão as forças militares. Todos os dinamarquezes de 18 anos de idade são autorisados a fazer parte dos corpos, que são dirigidos por officiais do exercito activo.

Durante os 6 melhores menses do ano os voluntarios efectuarão exercicios de tiro, serviços de campanha e exercicios conforme os regulamentos do exercito.

O armamento compreende, em parte, espingardas do modelo do exercito e, em parte, espingardas Reckyl sistema Medsen.

Numerosos corpos estão em via de formação e dependem dum comité central, cuja residencia é na capital. Este comité assegura a unidade de organização e de instrução, estabelece os programas dos exercicios e dirige os manuais de instrução.

Os corpos de voluntarios são convocados para as manobras das tropas do exercito activo. Em tempo de guerra pensa-se utilizar os corpos de voluntarios na defesa do litoral para impedir os desembarques do inimigo e guardar as linhas ferreas mais importantes.

Creação de uma Escola de aviação. — A sociedade aeronautica dinamarquesa, fundada em 1909, com o fim de favorecer os *sports* aeronauticos uteis á defêsa nacional, acaba de organizar nos arredores de Copenhague, com o concurso dos Ministerios da guerra e marinha, uma escola militar de aviação compreendendo 2 secções, uma para o exercito e outra para a marinha.

Celocada sob a fiscalisação do chefe do Estado maior general e do almirante comandante da esquadra, da defêsa de Copenhague, a Escola é dirigida por um official aviador, auxiliado por pessoal civil.

O material da Escola compõe-se de aeroplanos de construção estrangeira, biplanos do tipo Farman e hidroplanos.

Espanha

Curso de automobilismo para officiais de artilharia. — No mês de novembro ultimo, efectuou-se o terceiro curso de informação de automobilismo na

Escola de automobilismo a cargo da Comissão de experiencias de artilharia.

Estes cursos tem por fim difundir entre os officiaes da arma conhecimentos praticos deste sistema de transporte, para que no futuro, quando se aumentar o numero de brigadas automobilistas, se organisem colunas de munições e parques moveis, e se dotem as praças com automoveis para as remoções de material, exista o maior numero possivel de officiaes conhecedores do funcionamento, serviço e manejo desta especie de viaturas.

O automobilismo simplifica os transportes de toda a especie, chegando a ser um elemento indispensavel na guerra. Os exercitos que tomam parte na actual estão dotados de abundantissimo material, que empregam mais especialmente no municamento e no material de artilharia de grosso calibre: especialmente na Austria, cujos morteiros de 30,cm5 são transportados por tractores Skoda de 4 rodas motoras.

Convencido da importancia desta viatura de tracção, propoz o general Cubillo ás estações superiores a realisação destes cursos de informação para officiaes cujos resultados são bastantes satisfatorios, toda a vez que e cada um deles tem assistido 15 ou 16 officiaes, que adquiriram não só os conhecimentos suficientes para empregar acertadamente os camions-automoveis que se ponham ás suas ordens, terão tambem certa pratica de conducção dos mesmos, o suficiente para não ter que depender de um subordinado, em caso de dificuldade.

E' para lamentar como sempre, que a escacez de recursos tenha limitado o numero de officiaes para assistirem ao curso e á duracção deste; em compensação, é grato manifestar que neste ano, como nos anteriores, foi necessario ampliar o numero de lugares annunciados na convocatoria para poder satisfazer aos desejos dos solicitantes, aos quais se lhes autorisou para assistir ao cursos em direito a indemnisações; deste modo, conseguiu-se aumentar o numero dos que nele tomaram parte sem grandes despezas para o Estado.

Assistiram ao ultimo curso, 6 capitães e 2 tenentes de diferentes provincias e 3 capitães e 4 tenentes de Madrid e proximidades.

Projectos de lei. — O governo apresentou ás cortes por intermedio do Ministro da guerra dois projectos de lei por um dos quais se estabeleceu o efectivo que o exercito deverá ter durante o actual ano de 1915.

Por este projecto o efectivo é fixado em 140.771 homens sem contar com os individuos do corpo de invalidos nem com a policia militar de Mahon.

Pelo segundo projecto o governo reduz o numero de tenentes-generais, generais de divisão e de brigada, e diminuiu o limite de idade, ao qual devem, os mesmos, passar á secção de reserva, creando ao mesmo tempo com caracter provisorio uma segunda situação de cargos e comissões sedentarias para os officiaes superiores e officiaes do Estado maior, infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia.

Por esta lei reduz-se;

30 tenentes-generais a.....	20
60 generais de divisão a.....	40
120 generais de brigada a.....	120

Os oficiais generais passarão á secção de reserva :

Os tenentes generais aos.....	68 anos
» generais de divisão aos.....	65 »
» » » brigada aos.....	62 »

A passagem dos oficiais á secção de reserva efectuar-se-ha gradualmente pela forma seguinte

No ano de	Ten. generais	Gen. de divisão	Gen. de brigada
1915	71 anos	67 anos	65 anos
1916	70 »	66 »	64 »
1917	69 »	65 »	63 »
1918	68 »	64 »	62 »

As vagas que se produzam no Estado maior general desde a promulgação desta lei, serão preenchidas apenas metade até obter o efectivo provisório citado.

Poder-se-hão utilizar os serviços dos generais da secção de reserva pelo tempo que se determinar d'acordo com a lei actualmente em vigor.

O Ministro da guerra poderá propôr a promoção dos oficiais generais e coroneis que julgar conveniente, sempre que os propostos figurem na primeira metade da escala da sua classe.

Poderá igualmente passar á secção de reserva os oficiais generais que, não tendo atingido o limite de idade estabelecida por esta lei, não possuam a necessaria aptidão fisica para o comando activo das tropas, devendo nestes casos para submetidos a exame medico.

Passarão igualmente á secção de reserva os generais de divisão e de brigada que figuram no primeiro decimo da escala, sempre que durante a sua permanencia nela tenham obtido promoção por eleição, outros mais modernos, com numero egual ao que constitue a quarta parte da mesma.

Os officiaes superiores e officiaes de infantaria, cavalaria, engenharia e estado maior passarão á secção de reserva nas edades seguintes :

Coroneis aos.....	58 anos
Tenentes-coroneis aos.....	56 »
Majores aos.....	54 »
Capitães aos.....	50 »
Tenentes aos.....	45 »

Estados-Unidos

Instrução da milicia. — E' sabido que a milicia constitue a unica reserva que o Governo federal póde dispôr em caso de guerra com o estrangeiro.

O recrutamento dos milicianos efectua-se sobre a base do alistamento obrigatorio de todos os cidadãos validos de 18 a 45 anos, os quais permanecem ordinariamente em suas casas, com a unica obrigação em tempo de paz de assistir a 24 ¹/₂ sessões de tiro por ano e a um periodo de instrução de 8 dias.

As unidades que dependem dos Governos dos diversos Estados, são os seguintes: 140 regimentos de infantaria a 3 batalhões: 69 esquadrões de cavalaria, 51 baterias de campanha e 122 baterias de artilharia de costa. Os efectivos são de 9.152 oficiais a 112.710 soldados

A instrução é dirigida por oficiais do exercito regular, e segundo a memoria feita pelo general inspector, a milicia fez grandes progressos nestes ultimos anos.

Todavia nota-se que por falta de campos de tiro só 60% do efectivo é que recebe instrução completa.

Organização da aeronautica. — Actualmente os poucos oficiais e praças destinados ás manobras aereas dependem da Direcção do corpo de sinais do Ministro da guerra.

Existem actualmente 18 oficiais efectos á aeronautica; 9 dos quais possuem o diploma de piloto. Teem ás suas ordens 60 praças que cooperam nos trabalhos sem participação alguma nos vôos.

As estações existentes são: Escola de aviação de San Diego, com 10 aeroplanos. Porto de Texas-City com dois ditos: Idem de Fort-Levenswerth com um dito; Idem de Manila com 2 ditos; Idem de Honolulu com 1 dito.

Os postos de Washington e de Atlanta, com os campos de manobras, foram definitivamente abandonados.

Os oficiais aviadores são distribuidos: em San Diego, 8; em Texas-City e em Levenwerth, 1; em Manila 4 e em Honolulu 2.

Todos os aparelhos são biplanos.

Existem 16 em serviço, dos quais 12 do tipo Wright ou Burges-Wright e 4 de tipo Curtiss.

Os oficiais recebem unicamente um suplemento ao soldo, equivalente a 35% deste.

França

Aeroplanos para a destruição de aeronaves. — O *Militar Wochenblatt* n.º 79 anuncia que a comissão aeronautica francesa adoptou definitivamente, apoz resultados favoraveis obtidos em uma serie de experiencias, um modelo especial de aeroplanos destinados unicamente á destruição das aeronaves inimigas. A contrucção do dito aparelho conserva-se secreto. Trata-se duma machina blindada com chapas daço, capaz de transportar além do piloto um passageiro, quantidade suficiente de bensina, bombas e projecteis.

O aparelho possui uma velocidade de 137 kl por hora, podendo elevar-se em 3 1/2 minutos á altura de 500 m e não necessitando, quer para se elevar, quer para aterrar, mais de 135 metros.

Segundo deixa entrever o segundo jornal, em França teem grandes esperanças nos resultados deste aparelho.

Comissão de inventos. — Desde o momento da ruptura das hostilidades na guerra actual, um bom numero de propostas foram apresentadas em França por parte de inventores desejosos de prestar o concurso dos seus esforços para a causa da defesa nacional. Mas como entre os oferecimentos, se os ha absurdos e chimericos, outros são uteis e de urgente realisação, e como a Comis-



são que normalmente se ocupava do exame dos inventos que podiam oferecer interesses para os Ministerios da Guerra e Marinha foi dissolvida por terem muitos dos seus vogaes que irem ocupar na guerra os logares correspondentes aos seus postos, tornou-se necessario crear para o tempo que durar a guerra uma Comissão extraordinária, da qual fazem parte os vogais disponiveis do permanente e uma porção de sabios e especialistas de competencia reconhecida.

A referida Comissão, denominada superior, foi creada por decreto de 11 de agosto ultimo, sendo incumbida de estudar e, eventualmente, experimentar os inventos que ofereçam interesse para a defêsa nacional. E' presidida pelo sr. Appell, presidente da academia das sciencias, e divide-se em 3 secções: a 1.^a diz respeito a tudo que se relacione com a electricidade, e telegrafia sem fios e optica; a 2.^a aos trabalhos que tenham ligação com os explosivos e as industrias chimicas, e a 3.^a, para os projectos que ofereçam caracteres comuns com as artes mecanicas, a aeronautica, os motores e a ballistica.

São vice-presidentes da Comissão e presidentes das tres secções, respectivamente os srs. Violle, Haller e Painlevé.

Na lista dos vogais que compõem a comissão conta-se bastantes especialistas, nos diversos ramos das sciencias applicadas, como por exemplo: d'Arrenval, Berthelot (Daniel), Blocdel, Janet, Picard, Claude, Gantier, Picard, Turpo, Vicille, Eiffel. Le blanc, Marchis, Lecornu, Renard general Sebert.

Cada secção pôde agregar a si, para o estudo de determinadas questões. um ou varios membros destas secções e recorrer ao Concurso de tecnicos, industriais ou especialistas, confiando-lhes a titulo de consulta, o assunto sobre que desejam conhecer a opinião.

Exercito de Marrocos.—Compõe-se este exercito de 4 divisões territoriais, a saber: 1.^a Fez, Sefu e territorio a Este deste ultimo ponto até Taza; 2.^a Mequinez El Vejob, Agourai Petit Tean e Zoco-el-Arba; 3.^a Rabat, El Gharb, Mehedia e Zaer Zemmus; No total, as forças disponiveis em Marrocos são de 40 batalhões.

Dirigiveis.—Em 1912 haviam em França os seguintes: Colonel Renard, Ajutent Vincenant, Ajutend Rean, Capitaine Terber, Le Temps, Selle de Beauchamps, Ville de Paris, Clement Bayard III, Eclairer Conté, Capitaine Marchal e Depuy le Lome. No total 11.

Destroyers aereos.—Apoz experencias que deram resultado satisfatorio, foi aceite pela comissão militar francêsa de aviação, um modelo de aeroplano cujo fim é destruir os aeroplanos e dirigiveis inimigos.

Embora não se conheçam as suas caracteristicas, que é natural permanecerem secretas, sabe-se comtudo que o aparelho é couraçado com chapa d'aço, e que a mais do piloto levará um passageiro e as quantidades necessarias de bombas e projecteis.

1.^a Pôde adquirir uma velocidade de 137 ^{kl} por hora; 2.^a Em 3 minutos 3/4 pôde elevar-se a 500^m; 3.^a Para elevar-se á altura não necessita de mais de 135 metros de espaço.

Espera-se que nenhum aeroplano ou dirigível que seja visto por esta invulneravel arma, possa escapar á sua acção.

Holanda

Defêsa das costas.— Foi aprovado recentemente, com modificações, um projecto de lei sobre a defêsa das costas, o qual foi vivamente discutido. O seu orçamento, que era de 38.370.000 florins foi reduzido a 10.850.000.

No primitivo projecto eram destinados 13.270.000 florins á defêsa movel a 25.080.000 á defêsa fisica.

A primeira destas verbas era destinada á construção de 8 torpedeiros d'alto mar, 14 canhoneiras, 2 submarinos e 2 torpedeiros. A segunda devia ser empregada em melhorar as defêsas das costas já existentes em Helder, em Ijmeriden, Hock von Holland e a construção de um porto blindado em Flessingue, ao qual era destinado o credito de 6.420.000 de florins

No novo projecto apresentado são suprimidas as quantidades previstas para a defêsa naval, por diversos motivos, sendo o mais importante o achar-se este material em via de construção.

Por outra parte, o novo projecto deixa para ocasião oportuna os melhoramentos não considerados urgentes e mantem as disposições julgadas necessarias no primeiro projecto, ou sejam ; 1.^a Construção de um posto em Flessingue, para o qual foi destinada a quantia de 5.360.000 florins ; 2.^a Melhoramento no porto de Kiakdum (Helder) ; 3.^a Ampliação da zona de tiro dos portos blindados de Hock von Holland-Ijmeriden e Harssens.

Inglaterra

Tracção da artilharia de campanha por meio de automoveis.— A tracção automovel aplicada á artilharia é problema completamente resolvido pelo que respeita á artilharia pesada, para cuja tracção se utilizam tractores, mas pelo que respeita á artilharia de campanha e ás colúnas ligeiras de munições, a tracção animal, é a bem dizer, o processo normal, porque no balanço das vantagens e inconvenientes os resultados levam o inclinar-se em seu favor.

As experiencias de que vamos dar conta, realisadas na Inglaterra ha pouco, indicam comtudo que a applicação da tracção mecanica á viaturas de artilharia de campanha é assunto susceptivel da solução pratica e digna de ser olhado com atençaõ, e talvez com mais interesse nos países em que, como o nosso, o problema de contar em caso de guerra com o numero de solipedes preciso para a mobilisação da dita arma é dos que acaso não poderiam resolver-se na devida fórma. Segundo o *Journal of the Royal Artillery*, no mês de julho ultimo fizeram-se experiencias de tracção do material de uma bateria a cavalo das forças territoriais, as quais estão dotadas da peça da tiro rapido de 15 libras, utilizando-se de facto, um tipo de automovel de 30 cavallos com 6 cilindros, marca Sheffield—Simplex que conta com mecanismo para o pôr em marcha automaticamente, o qual é vantajoso porque tratando-se duma colúna, todos os elementos dela pedem pôr-se em movimento ao mesmo tempo em que os conductores tenham de abandonar os seus logares para actuar sobre a manivela que se utiliza para aquele fim quando não se dispõe do dispositivo especial mencionado.

Munidos os automoveis e as viatunas da bateria dos sistemas de tracção

adquados, foram transportados estes ultimos a um ponto distante de 80 milhas, donde se supunha que deviam intervir para produzir um desembarque regressando pouco depois ao ponto de partida tendo efectuado a marcha com velocidade de 21 milhas por hora e sem ter dificuldades nem se produzir desarranjos, não obstante haver manobrado por vezes por fóra de caminhos e sobre terrenos de superficie irregular.

Rações de campanha.—Existem duas especies de rações: a ordinaria e a de reserva. A primeira consiste em 600,04 gramas de carne fresca ou 453,59 gramas de carne em conserva; 680,04 de pão ou 453,59 de farinha; 85,05 de assucar; 14,107 de sal; 1,04 de mostarda; 0,79 de pimenta; 0,07103 litros de rum; 0,01420 litros de sumo de limão; 56,70 gramas de tababo e 113,04 gramas de gordura.

A composição de ração de reserva é a seguinte: 453,59 gramas de carne em conserva; 340,19 de farinha, 85,05 de queijo, 17,07 de chá, 56,70 de assucar, 14,17 de sal e 453,59 de extracto de carne.

Italia

Serviço aerologico.—Este serviço, recentemente organizado, tem por objecto prover á instalação, fiscalisação e funcionamento das estações aerologicas, recolher os dados dos reconhecimentos aerologicos e meteorologicos aos campos de aviação, e de uma maneira geral tudo o que possa ser necessario á navegação.

A direcção deste serviço, que depende directamente da inspecção dos serviços aeronauticos do Ministerio da Guerra, tem a sua séde em Roma.

Este serviço tem constituido um Conselho formado pelo inspector dos serviços aeronauticos do Ministerio, o comandante do batalhão de engenheiros especialistas, o do batalhão de aviação, o director de metereologia, o do Instituto hidrografico e um representante do real comité etnografico de Italia.

Japão

Consumo de munições na guerra da Mandchuria.—Segundo os dados officiaes, cada espingarda (a mesma do Japão e da Russia, consumiu diariamente nesta guerra, termo medio, 250 cartuchos, cifra que chegou a 400 na batalha de Schaho e a 367 na batalha de Mukden.

A artilharia russa de tiro rapido, disparou 238 tiros por peça na batalha de Tachichao; 240 na de Liaog-yang; 361 na de Schaho; 480 na de Mukden.

Este exorbitante consumo repetiu-se na guerra dos Balkans. E para que se compreenda a sua grande diferença com o que se fazia nas guerras anteriores, bastará consignar, pelo que respeita á infantaria, que os prussianos dispararam 20 tiros por espingarda na batalha de Leipzig (1813) e 28 tiros nas batalhas de Trantenas e Nachod (1866); e na guerra franco-alemã dispararam os alemães 56 tiros por espingarda, desde agosto de 1870 até fevereiro de 1871. A artilharia prussiana, na guerra dos aliados contra Napoleão, disparou termo medio, 70 tiros por peça; e na guerra franco-alemã de 1870-71 rara foi a peça que chegou a 200 tiros.

A artilharia alemã na batalha de Worth, fez 40 tiros por peça; 53 em Saint-Privat; 88 em Resonville e 37 em Sedan.

Limites de idade.— Foi ha pouco publicada uma lei na qual se fixaram os seguintes limites de idade: Generais de divisão, 62 anos; ditos de brigada, 55; coroneis, 55; tenentes-coroneis, 53; majores, 50; capitães, 48; subalternos, 45 anos.

II

PARTE MARITIMA

A GUERRA NO MAR

Combate no Mar do Norte.— No dia 23 de janeiro, pelas 9h, 30^m, teve lugar um combate no Mar do Norte, entre as esquadras inglesa e alemã. A primeira compunha-se dos cruzadores de combate, *Tiger* de 27:000 toneladas, *Lion* de 26:350, *Princess Royal* de 26:350, *New Zealand* de 18:750 e *Indomitable* de 17:250, e a segunda dos *Seydlitz* 24:350, *Derflinger* de 24:350, *Moltke* 23:000 e *Blucher* de 15:550.

O *Blucher* foi afundado, desconhecendo-se quais os outros que ficaram avariados. Nenhum navio inglês se perdeu.

O comandante da esquadra inglesa, era o vice-almirante Sir David Beatty, que comanda a primeira esquadra de combate desde 1912 e a comandou também em 28 de agosto, quando do encontro com a esquadra alemã ao largo de Heligoland e no qual os alemães tiveram dois cruzadores e dois destroyers afundados e varios outros seriamente avariados.

A esquadra do vice-almirante Beatty, era acompanhada com uma esquadilha de destroyers sob o comando do comodoro Reginald Tyrwhitt, que também já tinha entrado no combate de Heligoland.

As características dos navios que entraram neste combate, são as seguintes:

Inglezes

Lion.— Construido em Devonport em 1912, é um cruzador de combate de 26:350 toneladas. O seu armamento consiste em 8 peças de 13,5 polegadas e 16 de 4 polegadas e 3 tubos de torpedos submersos, sendo um á pôpa e dois aos dois bordos. A sua velocidade 31,7 milhas.

Princess Royal.— Irmão do *Lion*, tem a velocidade de 32,4 milhas. Tanto um como o outro custaram 2.000:000 de libras.

Tiger.— Irmão do *Queen Mary*, de 29:000 toneladas. O seu armamento consiste em 8 peças de 13,5 e 16 de 4 e três tubos para torpedos. Velocidade 27 milhas. Foi concluido em maio do ano findo.

New Zealand.— Construido para o serviço da colonia do seu nome, foi, porém, incorporado na armada, concluido em 1912, tem 18:750 toneladas de deslocamento. Armamento, 8 peças de 12 polegadas e 20 de 4 e 3 tubos de torpedos. Velocidade, 29,13.

Indomitable.—Tonelagem, 17:250, armamento, 8 de 12 e 16 de 4 e 3 tubos de torpedos.

Alemães

Blucher.—Cruzador-couraçado de 15:550 toneladas, concluído em 1909. O seu armamento consiste em 12 peças de 8,2 polegadas, 8 de 6 e 16 de 24 pounder, velocidade 26,4. Construído em Kiel, custou 1.349:000 libras.

Seydlitz.—Cruzador-couraçado de 24,350 toneladas, armamento de 10 peças de 11 polegadas, 12 de 6, 12 de 24 pounder e 4 de 14 pounder. Concluído em 1913.

Derflinger.—Irmão do acima, tendo cada um 5 tubos de lança-torpedos.

Moltke.—Irmão do celebre *Göben* é um cruzador-couraçado de 23:000 toneladas. Armamento, 10 peças de 11 polegadas, 12 de 6 e 12 de 24 pounder e 2 tubos de torpedos. Foi concluído em 1911 e a sua velocidade era de 28,7 milhas.

*

O almirantado inglês informou que por comunicação recebida de Melbourne (Australia) do vice-almirante Sir George Patey, o navio de combate *Australia*, tinha capturado e afundado em 6 de janeiro um paquete alemão que transportava fornecimentos para os cruzadores alemães.

A perda dos submarinos franceses «Curie» e «Saphir».—A perda do submarino *Curie* no porto de Pola, ocorreu da seguinte forma:

O submarino tinha chegado ao Adriatico, quando viu um contra-torpedeiro austriaco, que regressava ao porto de Pola, depois de um demorado reconhecimento.

O *Curie* seguiu o contra-torpedeiro, e submerso debaixo da esteira do navio austriaco, passou entre as linhas de minas, entrou no canal de Fasana, e por ultimo na baía de Pola, onde se achavam ancorados os melhores couraçados austriacos.

O *Curie* seguia perfeitamente o caminho conveniente para conseguir o melhor exito á sua empreza; porém, em consequencia de se ter produzido um desvio accidental no leme, chocou contra a rêde metalica, que desde o fundo do mar até á superficie, obstruia a entrada do porto.

Durante mais de 6 horas, desde as 10 até ás 4 1/2, lutou de encontro á reterida rêde para se desenrascar, sem que, nem num só instante, os austriacos, apesar de proximos, presentissem o submarino.

A asfixia começava a atormentar a guarnição, até que um dos marinheiros caiu morto.

O comandante deu, então ordem para o navio se elevar até á superficie, e foi nesse momento que os austriacos deram por ele, sendo o navio apreendido e a tripulação feita prisioneira.

A perda do *Saphir* deu-se em consequencia do fogo da artilharia dos fortes que defendem a passagem dos Dardanelos.

Combate naval no Mar do Norte. — Na manhã do dia 24 de janeiro, uma esquadra inglesa, descortinou nas águas do Mar do Norte, uma outra alemã, que navegava a toda a velocidade para as costas inglesas.

A esquadra inglesa dirigiu-se logo ao encontro da adversa, que procurou fugir ao combate, porém, os ingleses conseguiram alcançar os alemães, tendo estes que aceitar o combate.

A luta foi renhida e durou até que os alemães conseguiram escapar.

A esquadra inglesa, do comando do almirante Beatty, compunha-se dos seguintes couraçados rápidos (battle-cruzer: *Lyon, Tiger, Princess Royal, New Zealand, e Indomitable.*

A esquadra alemã era formada também pelos couraçados rápidos *Derfingger, Seydlitz, Moltke e Blucher.*

A acção começou ás 9^h 30^m e foi violentíssima. Pela 1^h da tarde foi a pique o *Blucher.*

Outros dois navios alemães receberam graves avarias e conseguiram fugir, alcançando a zona dos submarinos e minas, onde era impossível a perseguição. Cento e vinte dos sobreviventes do *Blucher*, foram recolhidos a bordo de um torpedeiro.

O *Blucher*, lançado em 1908, deslocava 15:500 toneladas e tinha a velocidade maxima de 25 milhas.

O seu armamento era o seguinte: 12 peças de 210^{mm} em seis torres duplas, 8 peças de 150^{mm} e 20 peças de 88^{mm}.

O almirante Beatty, já se tinha notabilizado no combate de Heligoland, é um distinto official, tendo sido o mais novo commander, o mais novo captain, o mais novo contra-almirante e o mais novo vice-almirante da armada inglesa.

O «Göeben». — No decurso do processo contra o almirante inglês Troubridge, acusado de não haver apresado o couraçado-rápido alemão *Göeben*, apurou-se que a esquadra inglesa tinha recebido, por meio de cifra secreta, que a Austria havia declarado guerra á Inglaterra, e que a frota inglesa tinha que fundear impreterivelmente em Malta.

A esquadra inglesa obedeceu a esta ordem, que tinha sido dada pelo *Göeben.*

Escusado é dizer, que a cifra secreta inglesa, foi completamente transformada.

Navios apresados e perdidos. — O Diario official francês, publicou uma lista dos navios mercantes inimigos, com carregamento alemão, capturados pelas esquadras aliadas.

Compreende esta lista 128 navios, sendo 34 alemães, 8 noroegueses, 6 austriacos, 5 americanos, 4 ingleses, 4 turcos, 2 italianos, 1 sueco, 1 espanhol, 1 dinamarquês, 1 grego e 1 holandês.

Nas ilhas Falkland foram afundados os navios carvoeiros alemães *Baden* de 7:676 toneladas e *Santa Isabel* de 5:199 toneladas. Estes navios prestavam magnificos serviços á frota germanica, abastecendo-a de combustível em circunstancias dificeis, dada a activa vigilancia exercida pelos navios ingleses.

Sabe-se, terem-se afundado no Mar do Norte, os navios ingleses *Efrida* e *Xignus*, que chocaram com minas, tendo-se afogado as suas tripulações.

Tambem se afundaram, o vapor noroeguês *Castor* e o *Hingolf*, que saíu de Copenhague a 23 de dezembro para Hull, com carregamento de carvão, em consequencia de terem chocado com minas submarinas.

Contra-torpedeiro turco avariado. — Este navio *Peiki-Chefket*, refugiou-se em Stenia, no Bosforo, com graves avarias.

MARINHAS MILITARES

Portugal

Contra-torpedeiro «Liz». — Este novo barco para a nossa marinha, foi comprado á casa italiana Ansaldo & Comp.^a, de Genova, e entrou no Tejo no dia 18 de fevereiro.

O *Liz* é novo tipo italiano, não tendo similares as suas características com qualquer outro navio da marinha de guerra daquele país. Deslocamento é de 600 toneladas e o seu armamento compõe-se de 4 peças de 76,50 e de 3 tubos lança-torpedos de 40 milímetros.

A sua velocidade é de 30 milhas.

O combustível é sómente petroleo e as caldeiras são aqui-tubulares do tipo Yarrow e as maquinas propulsoras são turbinas Parsons do ultimo modelo. A sua particularidade maior é a grande autonomia que o barco possui, pois pode navegar cêrca de 3:500 milhas sem precisar tomar combustível.

O *Liz* veiu de Genova sob comando do 1.º tenente Muzanty, sendo tambem portugueses o oficial imediato e o maquinista e 5 marinheiros e restante pessoal pertencente á casa construtora.

Alemanha

Segundo consta por um telegrama do Kaiser ao burgomestre do Emeden, um forte navio de guerra com o nome *Emden*, surgirá em breve, levando na prôa a cruz de ferro, como memoria do naufragado *Emden*, em recordação dos feitos heroicos (!) e notaveis façanhas que notabilizaram esse navio. Parece que será um dos mais recentes couraçados rapidos em construção que tomará aquele nome.

Novos couraçados. — Os couraçados *Ersatz Worth* e *T.* do orçamento de 1913. estão adiantados, o primeiro nos estaleiros Schickau, em Dantzik, o outro nos estaleiros Howaldt em Kiel. O seu armamento é de 8 peças de 381^{mm}, 16 peças de 150^{mm}, e 12 peças de 88^{mm}. O deslocamento oscila entre 27 e 29:000 toneladas.

O couraçado *Ersatz Friedrich 3.º*, no orçamento de 1914, em construção nos estaleiros Germania, de Kiel, tem o armamento de 8 peças 381^{mm}, 18 peças de 150^{mm} e deslocamento de 30:000 toneladas.

O couraçado *Ersatz Herthe* do orçamento de 1913, no arsenal de Wilhelmshaven é armado com 8 peças de 305^{mm}, 12 de 150^{mm} e 12 de 88^{mm}, com 28,5 milhas de velocidade e 28:000 toneladas de deslocamento.

O couraçado *Ersatz Victoria Luise* que pertence ao orçamento de 1914, ainda são desconhecidas as suas características e o local de construção.

*

Segundo noticias de origem inglêsa, as dimensões dos mais recentes submersiveis germanicos. são as seguintes: Deslocamento em imersão 800 toneladas; comprimento 65^m, bôca 6^m. Armamento, 2 tubos lança-torpedos, e 2 peças á prôa.

A marinha alemã, possuia no começo das hostilidades, 27 submersiveis em serviço e 12 em construção, dos quais 6 quasi concluidos e os outros 6 nas carreiras.

Nos novos submersiveis alemães, nota-se a particularidade de, além de possuirem armamento de artilharia, contarem com uma protecção couraçada nas partes mais vitais, compreendendo: o pavimento do convés, a torre de comando, e a parte do casco mais exposta, quando á superficie.

Quanto aos torpedos, ha a informar, que as novas séries, incluindo alguns já em serviço, são de 500^{mm} de diametro em vez de 450^{mm}, com o raio de acção maximo de 6:500^m a 29 milhas.

A nova classe de submersiveis, constitui um tipo de 900 toneladas de deslocamento á superficie e 20 milhas de velocidade, com o armamento de 3 tubos de 500^{mm}, uma peça de 88^{mm} e outra de 37^{mm}.

O raio d'acção é de 2:000 milhas á velocidade economica, á superficie.

Todos estes barcos teem, como maquinas propulsoras, motôres Diesel.

Na série U 19 a U 27 de $\frac{840}{800}$, os dois motôres Diesel, teem eada um a potencia de 1:800 cavalos.

*

Segundo é voz corrente, nos estaleiros de Howaldt, de Kiel, e nos da Germania (Krupp) perto de Kiel, estão-se construindo 30 lanchões couraçados, munidos de motôres para a velocidade de 9 milhas e podendo transportar 500 homens cada um, com o fim de permitirem o desembarque de tropas em Inglaterra.

Brazil

Estão já terminados, e parece que em serviço, os três submersiveis de $\frac{249}{370}$ de $\frac{14}{8,5}$ do tipo *Medusa* melhorado, construidos pela casa Fiat-San-Giorgio.

—A mensagem presidencial consigna o seguinte, relativamente á marinha:

Estão ultimados os estudos definitivos do 3.^o couraçado a construir-se, em cumprimento do programa naval de 1906;

Reforma do ensino naval, com o fim de o tornar mais pratico;

Realização da fusão dos officiais maquinistas com os officiais de marinha;

Criação da Escola Naval de Guerra, com o fim de preparar os officiais para o alto comando.

Estados- Unidos

Foram apresentadas as ofertas para a construção de seis contra-torpedeiros n.ºs 63 a 68, já autorizados pelo Congresso, em que se impõe que o preço não deve exceder 878.750\$ por unidade, excluindo o armamento de combate.

Serão estes os maiores contra-torpedeiros da marinha americana em relação aos tipos anteriores, e terão o deslocamento de 1:130 toneladas cada um, armados, 4 peças de 102^{mm}, 2 peças anti-aereas de 37^{mm}, automaticas, 4 tubos lança-torpedos de 533^{mm}.

As ofertas foram as seguintes:

1.^a—Newport News Shpbdg & Dry Dock Co: duas unidades do desenho ministerial para o casco e do desenho da casa para o aparelho-motor, com turbinas Parsons; custo 840.750\$ por unidade, variando o preço no caso de turbinas Curtis para o de 831.250\$;

2.^a—Union Iron Works: duas unidades, casco e aparelho motor segundo os planos ministeriais; custo 836.000\$;

3.^a—Bath Iron Works: uma unidade, casco segundo os planos ministeriais, aparelho-motor segundo os desenhos da casa; custo 820.800\$; para duas unidades, preço 807.575; para três unidades, preço 807.500\$;

4.^a—Seattle Construction and Dry Dock Co; um navio segundo os planos ministeriais para o casco, e segundo os planos da casa para o aparelho-motor, 823.350\$; duas unidades 818.000\$;

5.^a—Fore River Shpbdg Corporation; uma unidade segundo os planos ministeriais para o casco e segundo os planos da casa para o aparelho-motor, custo 774.250;

6.^a—W. Cramp & Sons Ship and Engine Bldg Cy: uma unidade segundo os planos ministeriais 816.050\$; duas unidades 804.650\$; três unidades 792.300. Uma unidade segundo os planos ministeriais para o casco e planos da casa para o aparelho-motor, custo 810.350\$; para duas unidades 798.959\$; para três unidades 783.750\$;

7.^a—Arsenal de Mare Island (California): construção de um contra-torpedeiro, segundo os planos ministeriais. O custo varia entre 595.336\$ e 641.171\$, conforme o tipo de maquinas e caldeiras instaladas. Construindo duas unidades simultaneamente, o custo diminue de 11.875\$ a 16.150\$ por cada uma.

Estes preços foram calculados ao par (1 dolar = \$05).

—As dimensões da nova classe de 1914 a 1915 não diferem da classe precedente (1913 a 1914), excepto na imersão, que é acrescida de 38^{mm}, sendo o aumento de deslocamento de cerca de 20 toneladas.

As características principais da nova classe são as seguintes:

Comprimento maximo, 104^m,06; comprimento entre perpendiculares, 101^m,70; bôca maxima, 9^m,77; imersão média, 2^m,90; velocidade, 29,5 milhas.

Armamento: 4 peças de 102^{mm}, 2 peças automaticas de 37^{mm} e 4 tubos lança-torpedos tríplexes de 533^{mm} com o comprimento de 6^m,80.

—Os novos submersiveis ofensivos terão cerca de 1:200 toneladas de des-

locamento, com o comprimento de 90^m e prevê-se um raio de acção á velocidade economica de 3:500 a 4:000 milhas á superficie.

Espera-se que atingirão 15 milhas submersos e 22 milhas á superficie.

França

Já por varias vezes nos temos referido aos couraçados tipo *Normandie*, e especialmente ás suas torres quadrúplices, traço característico destes navios de combate.

Pode-se considerar confirmado que estas torres são divididas ao meio por uma anteparo couraçada de 150^{mm} de grossura, colocada longitudinalmente, no seu plano de simetria, e de forma que, de cada lado, ficam duas peças.

Conta-se, para cada torre, um elevador central até á camara de manobra, partindo desta camara quatro elevadores, um para cada peça. A torre barbete tem 11^m de diametro, proximamente.

— A França pode opôr actualmente no Mediterraneo 38 contra-torpedeiros de 330 a 880 toneladas aos 18 austriacos de 390 a 800 toneladas e 16 submersiveis do sistema *Laubeuf* de $\frac{400}{550}$ toneladas aos 8 submersiveis austriacos, cujo deslocamento regula por metade.

Russia

Os couraçados rapidos *Navarino*, *Borodino*, *Ismail* e *Kinburn*, teem o armamento de 12 peças de 356^{mm} em quatro torres tríplexes, dispostas como no couraçado *Dante*, e 21 peças de 130^{mm}.

O deslocamento destes navios é de 32:000 toneladas, velocidade 27 milhas e a potencia das maquinas é de 66:000 cavalos.

As caldeiras são Yarrow e as maquinas propulsoras são turbinas. Teem o comprimento de 228^m,5 e a bôca de 30^m,4.

A espessura maxima do couraçamento é de 300^{mm}.

— Apresentamos uma tabela que põe em confronto as forças rivais no Mar Negro.

TURQUIA

Lançamento	Nome	Desloca- mento — Toneladas	Armamento
Navios couraçados:			
1911.....	<i>Ex-Gaben</i>	23:000	X-280 e XII-150.
1891.....	<i>Turgut Reis</i>	9:900	VI-280 e VIII-100.
1891.....	<i>Keyer-ed-Din</i>	9:900	Idem.
Cruzadores:			
1911.....	<i>Ex-Breslau</i>	4:500	XII-100.
1903.....	<i>Hamidieh</i>	3:800	II-152 e VIII-120.
1903.....	<i>Medjidieh</i>	3:800	Idem.
	10 contra-torpedeiros. 7 torpedeiros. 12 canhoneiras.		

RUSSIA

Navios couraçados:			
1906.....	<i>Ivan Zlatourt</i>	12:700	IV-205, IV-203, XII-162.
1906.....	<i>Evstafi</i>	12:700	Idem.
1900.....	<i>Panteleimon</i>	12:600	IV-305 e XVI-152.
1896.....	<i>Rostislav</i>	8:800	IV-254 e VIII-152.
1893.....	<i>Tri-Sviatitelja</i>	12:500	IV-305 e X-152.
Cruzadores:			
1902.....	<i>Kagul</i>	6:800	XII-152 e XII-76.
1903.....	<i>Pamjatj Mercurja</i>	6:800	Idem.
	20 contra-torpedeiro. 4 torpedeiros. 10 submersiveis.		

BIBLIOGRAFIA

PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Naval*, n.º 11 e 12 de novembro e dezembro de 1914. A intervenção de Portugal no conflicto internacional. A peça portuguesa. As operações dos aliados no teatro occidental da guerra. Os acontecimentos navais da actual conflagração. Aparelhos para aprendizagem do serviço radio-telegrafico nos nossos navios de guerra. Três meses de guerra naval. Tabuas de Fuso. A limitação do papel do submersivel. Em volta da conflagração. A canôa insubmersivel do comandante Ricker.
- 2 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 155 de janeiro de 1915. Relatorio da Missão veterinaria encarregada do estudo e ataque das epizootias que grassam nos distritos de Benguela e Huila. Clinica veterinaria militar.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 263 de dezembro de 1914. Instrucción táctica del tirador. Los trabajos geodesicos recientes del Instituto geografico militar. Interpretación sobre la aplicabilidad de los articulos 12 ou 14 del capitulo II, Titulo II de la ley 4707 al caso de los oficiales reincorporados que obturieran la baja a su solicitud. Empleo de las posiciones cubiertas en la artilleria de campaña teniendo en cuenta el apoyo que esta debe prestar a las demás armas en el combate. Congreso — Discurso del general Aguirre.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 1 de janeiro de 1915. Notas editoriaes. Milicia organizada. Escola militar. Nas entrelinhas da nossa Constituição. Aeronautica militar. Tomada de Vera-Cruz. Dois planos de operações. Relatorio apresentado ao jury do raid hippico militar de 1914. Orbis Typus Universalis Tahola.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 342 de dezembro de 1915. Jeneralidades sobre los hidroplanos, como auxiliares de la flota i defensa de las costas.

Defensa de la costa. Guerra naval. Lijeras ideas sobre la reorganizacion del servicio de radiotelegrafia. Combustion espontánea del charbon.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º 29 de noviembre de 1914. Limites de Colombia. El ejercito del comando. Reglamentos militares. Lecciones de balística. Abastecimiento del ejercito en campaña. Al margen del Reglamento de ejercicios para la Infanteria. El consumo de municiones en la guerra moderna. Los tribunales de honor en el ejercito prusiano. Documentos históricos. Al través de la prensa extranjera — Las terribles minas submarinas.

Dominicana

- 1 *El Porvenir militar*, n.º 18 de dezembro de 1914. Era de reorganizacion militar. La palanca del ejercito. Prodigalidad en los ascensos. Reconstruyanze los Cuarteles y demás edificios militares. Supresiones y economias que no deben introducir-se en el ejercito. La guerra europea. Ideal que se verá realizado. Heroica bazaña en el mar. Poder ofensivo de los submarinos.

Espanha

- 1 *Boletin de intendencia i intervencion militares*, n.º 38 de janeiro de 1915. D. Abelardo Merino y su geografia histórica del Reino de Murcia. Labores del Centro tecnico de Intendencia. Conduccion de enfermos, inútiles y dementes. Impuestos. Rendición de cuentas por capitulos, articulos y secciones del presupuesto. El presupuesto de guerra de 1915. Adquirición de cocinas y limpieza de doacas y algibes. Análisis de substancias alimenticias.
- 2 *Estudios miliiares*, n.º de janeiro de 1915. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante al curso de 1911 en la Escuela de tiro de infanteria. El infante y el terreno. Las grandes maniobras francesas de 1912. D. Juan Buenaventura Dumont y Thiery de Gages y de Buifson, conde de Gages, capitan general de ejercito. Tactica de huelgas. Resolución de los problemas tácticos. Reglamento táctico de ametralladoras de infanteria.
- 3 *Informacion militar del extranjero*, n.º 6 de dezembro de 1914. El problema de la defensa en Suecia, resuelto. Noticias del extranjero.
- 4 *Memorial de artilleria*, n.º de janeiro de 1915. Datos y noticias acerca de la cooperacion de la aeronautica al tiro de las baterias. Regleta de direccion para material de tiro rapido de campaña. Un reglamento deficiente.
- 5 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.º 1 de janeiro de 1915. S. M. el Rey de Rumanie Carlos I de Hohenzollern, coronel honorario de ingenieros del ejercito español. Compensacion angular de los cuadrilá-

- teros. La regla rusa para multiplicar. Material telefónico ensayado en el regimiento de telégrafos. Necrología.
- 6 *Revista de caballería*, n.º 151 de janeiro de 1915. El coronel D. Juan Valdés Rubio. De la guerra europea. Informe redactado con arreglo al art. 72 del título v del reglamento orgánico de la Escuela, referente al acta sucinta por los jefes del Arma que han asistido al curso de información, celebrado del 5 al 26 del mes de junio del año 1914, en el campamento de Carabanchel. La educación del jefe de caballería. Experiencias sobre la alimentación del ganado del arma de caballería. Carta abierta. Reglamento francés sobre el servicio en campaña.
- 7 *Revista técnica de infantería y caballería*, n.º de 1 e 15 de janeiro de 1915. La oficialidad combatiente en los ejércitos extranjeros. Estudio geográfico militar y naval de España. Obras históricas del capitán Sanz Balza. Estado actual.

Mexico

- 1 *Revista del ejército y marina*, n.º 12 de dezembro de 1915. Proyecto de reorganización para el ejército mexicano. El espíritu militar y el poder de la disciplina. El servicio de Estado Mayor en campaña.

Uruguay

- 1 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 128 de dezembro de 1914. Año nuevo. Organización del ejército. Páginas de Historia militar. Para ayudarte en el comando de tu compañía. La muerte del Mariscal Noy. Belgica ante el peligro de la invasión alemana. Rol que desempeñaron los sumergibles ingleses en Keligoland. El combate naval de Coronel. El combate de las Molrinas. El crucero *Emden*. Notas y comentarios de la guerra europea. La guerra actual. Juego de guerra. Instrucción de caballería. Notas de la guerra. En la Escuela Militar y Naval. Camaradas falecidos. Notas locales.

